

Revista Amazônia Jovem

6ª EDIÇÃO



Os filmes que amamos



Aludel Editora

ISSN: 2965-7288

ISBN: 978-65-83527-04-2

Fevereiro de 2025

Revista Amazônia Jovem

© 2025, *copyright* desta edição reservado à **Aludel Editora**.

Conselho Editorial

Alan Flor
Dalva Iloana
Glenda Duarte
Thiago Carone

6ª edição

Revisão de Alan Flor, Dalva Iloana e Glenda Duarte
Digitação Allan Rogério

CARONE, Thiago [Editor e Organizador]

**Revista Amazônia Jovem:
os filmes que amamos.**

Belém, Pa: Aludel Editora, Fevereiro de 2025.

CNPJ: 54.649.941/0001 - 80

ISSN: 2965-7288

ISBN: 978-65-83527-04-2



Aludel Editora

Revista Amazônia Jovem

Ficha Técnica

EDITOR E ORGANIZADOR

THIAGO CARONE

SUPERVISÃO GERAL
DE PROJETOS

GLENDA DUARTE

REVISÃO

ALAN FLOR

DIGITAÇÃO

ALAN ROGÉRIO

ILUSTRAÇÕES

EQUIPE TÉCNICA ALUDEL



Revista Amazônia Jovem

"A finalidade do cinema é a de nos transportar ao reino da beleza."

"A beleza é a única coisa preciosa da vida. É difícil encontrá-la — mas quem consegue, descobre tudo."

(Charles Chaplin)

"Um filme é um sonho. Talvez um sonho vulgar, estúpido, enfadonho e disforme. Porém, um sonho nunca é uma ilusão"

"Um filme nunca é verdadeiramente bom, a menos que a câmera seja um olho na cabeça de um poeta."

(Orson Welles)

Revista Amazônia Jovem

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
[Thiago Carone]	
A IMPORTÂNCIA DO CINEMA: UM OLHAR SOBRE SUA HISTÓRIA NO MUNDO E NO BRASIL	8
[Marcilio Costa e Silva]	
MONSTER E O LUGAR DA CRIANÇA QUEER NO MUNDO	10
[Alan Flor]	
E.T.: O EXTRATERRESTRE, DE STEVEN SPIELBERG: UMA VIAGEM CÓSMICA	18
[Thiago Carone]	
A SÉTIMA ARTE	25
O REI LEÃO	26
[Alicia Syang Pantoja Barbosa]	
O MENINO DE PIJAMA LISTRADO	28
[Ana Beatriz]	
O MILAGRE DA FÉ	30
[Ana Clara]	
A NOIVA CADÁVER	32
[Ellen Gabriela]	
A CABANA	34
[Emanuel de Oliveira]	
INOCÊNCIA	36
[Emilly Victória]	
O MÁGICO DE OZ	38
[Guilherme Tadeu]	

Revista Amazônia Jovem

SUMÁRIO

O PEREGRINO	40
[Ketelen Nicoly]	
THE LORAX	42
[Laelton]	
GAROTA DO SÉCULO XX	44
[Maria Eduarda]	
HARRY POTTER I	46
[Nayla Leal]	
HARRY POTTER II	48
[Nickole Duarte]	
FORREST GUMP	50
[Paulo Victor]	
MEU PÉ DE LARANJA LIMA	52
[Rafaelly Cristine]	
ATÉ O ÚLTIMO HOMEM	54
[Renan Henrique]	
MAZE RUNNER: A DISTOPIA QUE MARCOU UMA DÉCADA!	56
[Sophia Lopes]	
FILMES ADMIRÁVEIS	58
[Thifany Nycolly]	
GENTE GRANDE	60
[Vanderson dos Santos]	
TITANIC	62
[Vitória Rodrigues]	
A PAIXÃO DE CRISTO	64
[Wanessa Souza]	
DICAS DE LEITURA	66
EDIÇÕES ANTERIORES	68

Revista Amazônia Jovem

APRESENTAÇÃO

A Revista Amazônia Jovem em sua 6ª edição apresenta o tema "Os filmes que amamos". Nela você encontra diversos artigos e comentários de jovens escritores da escola pública com a contribuição de profissionais da área de publicidade e cinema sobre essa linguagem artística tão importante, considerada por Ricciotto Canudo como a sétima arte.

Nesta edição importantes registros cinematográficos que marcaram época são interpretados por aqueles que de algum modo se conectaram com as mensagens veiculadas pelo cinema, se sentiram tocados por personagens e temas que lhes ajudaram a ter algum tipo de apreciação artística e despertaram neles o posicionamento filosófico diante da realidade.

Uma edição pra quem ama assistir filmes e entende que esta arte da era industrial pode contribuir com a educação trazendo mensagens relevantes ao público.



Thiago Calone

EDITOR E ORGANIZADOR

A IMPORTÂNCIA DO CINEMA: UM OLHAR SOBRE SUA HISTÓRIA NO MUNDO E NO BRASIL

Marcilio Costa e Silva



Desde que os irmãos Lumière projetaram as primeiras imagens em movimento no final do século XIX, o cinema se tornou muito mais do que uma simples forma de entretenimento. Para mim, ele é uma janela para diferentes culturas, tempos e realidades. O cinema tem o poder de emocionar, questionar e transformar a sociedade, moldando nossa visão de mundo ao longo da história. No cenário internacional, o cinema rapidamente se consolidou como a arte do século XX. A transição do cinema mudo para o falado, marcada por *O Cantor de Jazz* (1927), revolucionou a experiência cinematográfica e deu voz a personagens inesquecíveis. Hollywood se tornou o centro da indústria, ditando tendências e criando mitos como Charlie Chaplin, Alfred Hitchcock e Orson Welles, que elevaram o cinema a um nível artístico e narrativo sem precedentes. Além dos EUA, outros países desenvolveram movimentos cinematográficos que influenciaram profundamente a linguagem do cinema.



O Neorrealismo Italiano, com diretores como Vittorio De Sica e Roberto Rossellini, trouxe um olhar cru sobre a realidade do pós-guerra. A Nouvelle Vague Francesa, nos anos 1960, desafiou as normas narrativas tradicionais e valorizou a liberdade criativa. O cinema japonês, com mestres como Akira Kurosawa, trouxe narrativas épicas que influenciaram cineastas do mundo todo. No Brasil, o cinema teve um caminho singular e fascinante. Desde as primeiras produções no início do século XX até a consolidação da Cinédia e da Atlântida com suas chanchadas nos anos 1940 e 1950, o cinema nacional sempre teve uma identidade própria. No entanto, foi com o Cinema Novo, na década de 1960, que o Brasil passou a ser reconhecido internacionalmente.

A IMPORTÂNCIA DO CINEMA: UM OLHAR SOBRE SUA HISTÓRIA NO MUNDO E NO BRASIL

SOBRE O AUTOR

Glauber Rocha, com seu manifesto “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”, trouxe filmes que questionavam as desigualdades sociais e políticas do país.

Nos anos 1990 e 2000, o cinema brasileiro renasceu com produções que conquistaram o mundo. Central do Brasil (1998), de Walter Salles, emocionou plateias e concorreu ao Oscar. Cidade de Deus (2002), de Fernando Meirelles e Kátia Lund, trouxe uma nova estética para o cinema nacional e foi aclamado internacionalmente. Hoje, o cinema brasileiro continua relevante, explorando novas narrativas e expandindo suas fronteiras com o streaming.

Para mim, a importância do cinema vai além do entretenimento. Ele é um registro histórico, uma ferramenta de reflexão e um meio de expressão artística poderoso. Seja em uma grande sala de cinema ou na tela de um celular, o impacto de um filme pode ser imensurável. O cinema nos conecta, nos desafia e nos faz sonhar – e é por isso que ele continua sendo uma das formas mais poderosas de contar histórias.

Marcilio Costa e Silva é ESPECIALISTA EM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL PARA MARKETING DIGITAL, DIREÇÃO, PRODUÇÃO E EDIÇÃO DE VÍDEOS. Desenvolvo trabalhos para empresas para maximizar impactos midiáticos, automação e conversões por meio da Inteligência Artificial, criando campanhas altamente eficazes e orientadas por dados. Com expertise em análise preditiva, personalização de conteúdo e automação inteligente, aplico IA para otimizar produções de conteúdo digital, vídeos para as redes sociais, ROI e estratégias digitais. Possuo sólida experiência com direção, produção, edição e finalização de vídeos. Graduação em Produção Fonográfica - UNESA, Rio de Janeiro. Pós-Graduação em Cinema - FGV, Rio de Janeiro. Certificações Técnicas - Apple Training Center (ATC), IATEC, PUC Rio. Atuação em projetos estratégicos para grandes marcas e eventos globais: Mídia e Entretenimento: Rede Globo, BAND, MTV Brasil, SBT, Canal Brasil. Eventos: Rock in Rio, Copa do Mundo 2014, Olimpíadas Rio 2016. Corporativo: CBF, MultiRio, Save the Children, CREA, SENAR, Assembleia Legislativa. Indústria: Grupo REVEMAR, MRM Logistics, Motor Group Brasil. Otimização de campanhas – IA ajusta conteúdos e anúncios em tempo real. Automação inteligente – Redução de custos e aumento da produtividade. Análise preditiva – Decisões mais assertivas com base em tendências. Personalização avançada – Conteúdos adaptados ao comportamento do usuário. Engajamento e conversão – Estratégias que aumentam retenção e interação. Escalabilidade – Produção contínua e eficiente com IA. RESULTADOS ESCALÁVEIS COM IA. Como especialista da M.C.S Produções, lidero projetos que unem tecnologia avançada, automação estratégica e experiências digitais imersivas. Se sua empresa busca crescimento acelerado, campanhas otimizadas e maior presença digital, entre em contato para desenvolver estratégias inovadoras com IA.

MONSTER E O LUGAR DA CRIANÇA QUEER NO MUNDO

Alan Flor

Quem pertence ao universo queer e nasceu antes dos anos 2000 deve se ressentir porque encontrou pouca ou nenhuma representatividade em músicas, filmes, telenovelas, séries, mangás, romances, entre outros. Nas produções dessa época para trás, a cisheteronormatividade imperava radicalmente, uma vez que o mundo ficcional era uma representação do mundo real, em que quem se identificava como queer era invisibilizado ou então apresentado de uma forma estereotipada, tendenciosa e preconceituosa. Felizmente, os tempos são outros, e o mundo do entretenimento mudou um pouco. Embora ainda não tenhamos atingido o ideal de sociedade que tanto almejamos, encontramos hoje mais do que antes representatividade de dissidentes de gênero e sexualidade em produções artísticas das mais variadas formas.

Até hoje, as músicas, por exemplo, representam majoritariamente amores entre casais que se enquadram no padrão cisheteronormativo. As letras de produções musicais, na maioria das vezes, expõem a paixão e o amor de um homem por uma mulher ou de uma mulher por um homem. No entanto, contudo, porém, não obstante, alguns poucos compositores têm se aventurado nas últimas décadas a compor letras de música que deixam claro o protagonismo de relações amorosas homoafetivas, como a cantora e compositora brasileira Isabella Taviani.



SOBRE O AUTOR

Alan Flor graduou-se em Licenciatura em Letras (Língua Portuguesa), possui Mestrado e Doutorado em Letras: Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Atualmente, é professor das Escolas Municipais de Ensino Fundamental República de Portugal, Comandante Klautau e João Nelson Ribeiro.

Revista Amazônia Jovem

Em 2012, a artista lançou o seu quarto álbum gravado em estúdio – Eu raio x. Nesse trabalho, há duas canções especiais em que é expressa uma relação de amor entre duas mulheres, como a música “Estrategista”, composta pela própria Isabella Taviani, uma narrativa sobre traição, dor e superação. A letra descreve a experiência de uma mulher que foi traída por aquela que amava e em quem confiava profundamente. Nessa composição, a companheira que trai – a estrategista – envolve-se numa relação extraconjugal com outra mulher. Composta por Isabella Taviani, Myllena Gusmão e Pedro Braga, a segunda canção, “A imperatriz e a princesa”, ao contrário, é uma narrativa poética sobre amor, dor e redenção e inspira-se nitidamente em histórias aos moldes de alguns contos de fadas. Nessa história, a imperatriz foi abandonada pelo rei e, por essa razão, fechou-se para o amor e nunca mais sorriu. Porém, a princesa Amarilis, com delicadeza, paciência e amor, consegue quebrar as barreiras criadas pela imperatriz, como também lhe restituir a alegria, o sorriso e a capacidade de amar.

Diferente das produções musicais, romances representam pelo menos personagens homossexuais desde o final do século XIX com o Naturalismo. Contudo, a perspectiva dessas obras sempre foi apresentar a homossexualidade como doença, conforme preconizava a ciência na época, ou como algo abjeto a ser expurgado – um erro no sistema cisheteronormativo. Antes da virada do século XX para o século XXI, poucos eram os romances que apresentavam personagens queers enquanto identidades constituídas de gênero e sexualidade.

Entretanto, de alguns anos para cá, romances produzidos por escritores queers que exploram o universo em torno de personagens queers não param de aparecer nas prateleiras de livrarias físicas e no catálogo de livrarias virtuais. Nesse gênero atualmente, lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, intersexuais, assexuais, pansexuais e não binários têm assumido um protagonismo nunca visto antes em décadas anteriores. Na minha humilde opinião, Que vença o melhor (2022), de Z. R. Ellor, é um dos romances contemporâneos que até agora li que mais apresenta personagens queers. Nesse trabalho, podem ser encontradas personagens que se identificam como gays, transgêneros e não binários.

Entre muitos outros títulos a serem mencionados, eu não poderia deixar de citar também O terceiro travesseiro (1997), de Nelson Luiz de Carvalho. Trata-se do primeiro romance que li a apresentar um caso de amor entre dois garotos durante a adolescência. Marcus e Renato – os protagonistas – eram amigos e, com o passar do tempo, descobrem-se atraídos sexualmente e apaixonados um pelo outro. Em razão desse envolvimento, os garotos são obrigados a lidar com a dificuldade das famílias em aceitá-los juntos como namorados e, em seguida, com a inserção de uma terceira figura – um terceiro travesseiro – em meio à relação dos dois.

Nesse primeiro momento, a mãe começa a perceber alguns comportamentos estranhos do filho aparentemente sem explicação, como quando volta para casa e encontra tufo de cabelo espalhados pela pia e pelo chão do banheiro, quando chega do trabalho e encontra apenas um lado do par de sapato do garoto e quando ao lavar a garrafa de água do menino encontra terra dentro do recipiente.

Revista Amazônia Jovem

Preocupada, a mãe atribui esses incidentes ao professor que ministra aulas para o filho – o senhor Hori (personagem de Eita Nagayama) – e decide procurar a escola para saber o que está acontecendo. Percebendo que os comportamentos estranhos de Minato não desaparecem, Saori empenha-se ao máximo para que Hori seja demitido. A segunda perspectiva da história passa a ser narrada a partir do prisma de Hori, professor de Minato, e apresenta uma interpretação diferente dos fatos. O professor começa a acreditar que Minato está praticando bullying com o pequeno e delicado Yori (personagem de Hinata Hiiragi), colega de classe de Minato, como quando flagra Yori trancado numa cabine do banheiro depois de ter visto Minato saindo segundos antes desse mesmo lugar. O que podemos, então, aprender a partir da trama do filme? Apesar de algumas mudanças, vivemos ainda em meio a um mundo cisheteronormativo. Nesse mundo, a construção social, política e ideológica das pessoas, na maioria das vezes, pauta-se na premissa de que todos os seres humanos são cisgênero e heterossexuais.

Assim, dissidentes de gênero e sexualidade compreendem-se, consciente ou inconscientemente, como inadequados e alimentam um sentimento de medo e angústia, principalmente durante a adolescência, período em que estão se descobrindo. É o que acontece com Minato, quando o garoto percebe que está desenvolvendo sentimentos desconhecidos e confusos por Yori. Na cena em que mãe e filho estão dentro do carro, Saori começa a idealizar um futuro para Minato a partir de uma perspectiva cisheteronormativa, na qual o filho casa-se com uma mulher e constrói uma família comum, aos moldes tradicionais.

Angustiado com a possibilidade de não realizar o sonho da mãe, Minato, em meio a um acesso de desespero, abre a porta do carro e joga-se para fora com o veículo ainda em movimento. Afinal de contas, qual é a mãe cis e heterossexual que cria um filho esperando que ele seja homossexual?

Nesse primeiro momento, a mãe começa a perceber alguns comportamentos estranhos do filho aparentemente sem explicação, como quando volta para casa e encontra tufo de cabelo espalhados pela pia e pelo chão do banheiro, quando chega do trabalho e encontra apenas um lado do par de sapato do garoto e quando ao lavar a garrafa de água do menino encontra terra dentro do recipiente. Preocupada, a mãe atribui esses incidentes ao professor que ministra aulas para o filho – o senhor Hori (personagem de Eita Nagayama) – e decide procurar a escola para saber o que está acontecendo. Percebendo que os comportamentos estranhos de Minato não desaparecem, Saori empenha-se ao máximo para que Hori seja demitido. A segunda perspectiva da história passa a ser narrada a partir do prisma de Hori, professor de Minato, e apresenta uma interpretação diferente dos fatos. O professor começa a acreditar que Minato está praticando bullying com o pequeno e delicado Yori (personagem de Hinata Hiiragi), colega de classe de Minato, como quando flagra Yori trancado numa cabine do banheiro depois de ter visto Minato saindo segundos antes desse mesmo lugar. O que podemos, então, aprender a partir da trama do filme? Apesar de algumas mudanças, vivemos ainda em meio a um mundo cisheteronormativo. Nesse mundo, a construção social, política e ideológica das

Revista Amazônia Jovem

peessoas, na maioria das vezes, pauta-se na premissa de que todos os seres humanos são cisgênero e heterossexuais. Assim, dissidentes de gênero e sexualidade compreendem-se, consciente ou inconscientemente, como inadequados e alimentam um sentimento de medo e angústia, principalmente durante a adolescência, período em que estão se descobrindo. É o que acontece com Minato, quando o garoto percebe que está desenvolvendo sentimentos desconhecidos e confusos por Yori. Na cena em que mãe e filho estão dentro do carro, Saori começa a idealizar um futuro para Minato a partir de uma perspectiva cisheteronormativa, na qual o filho casa-se com uma mulher e constrói uma família comum, aos moldes tradicionais. Angustiado com a possibilidade de não realizar o sonho da mãe, Minato, em meio a um acesso de desespero, abre a porta do carro e joga-se para fora com o veículo ainda em movimento. Afinal de contas, qual é a mãe cis e heterossexual que cria um filho esperando que ele seja homossexual?

Saindo do impresso para o audiovisual, as telenovelas, de uns tempos para cá, têm procurado abrir espaços para personagens queers. Entre aquelas que marcaram época, quem não se lembra de Amor à vida (2014), novela de Walcyr Carrasco? Essa produção protagonizou o primeiro beijo gay em novelas da Globo entre o icônico e espalhafatoso Félix (personagem de Mateus Solano) e o gracioso e meigo Niko (personagem de Thiago Fragoso). Além de casais gays, as telenovelas apresentaram ainda relacionamentos homoafetivos entre mulheres, a exemplo de Mulheres apaixonadas (2003), novela de Manoel Carlos, que apresentou o romance entre as duas adolescentes Rafaela

(personagem de Alinne Moraes) e Clara (personagem de Paula Picarelli). Na época, houve muito burburinho na imprensa sobre um possível beijo entre as duas personagens no último capítulo da novela. O beijo de fato acontece, mas ocorre em meio a uma encenação de uma peça de Shakespeare – Romeu e Julieta –, em que Rafaela interpreta Julieta e Clara, Romeu. Assim como Amor à vida, A força do querer, novela de Glória Perez, também foi um marco na história da televisão brasileira ao contar a história de Ivan (personagem de Carol Duarte), que em meio à trama se descobriu como um homem transgênero. Ao longo da narrativa televisiva, Ivan passou por diversas situações de preconceito até concluir o processo de transição de gênero e ter um final feliz.

Entre as séries a serem lembradas, Will & Grace (1998-2006) apresenta Will Truman (personagem de Eric McCormack) como um dos protagonistas, um homem gay formado em direito pela Universidade de Columbia que mantém laços de amizade muito fortes com Grace Adler (personagem de Debra Messing), uma mulher cisgênero e heterossexual que atua profissionalmente como uma designer de interiores. Embora o seriado tenha na comédia o principal ingrediente, as fragilidades do personagem Will quanto à própria homossexualidade, muitas vezes, são apresentadas de uma maneira muito sensível e contundente com a realidade de um homem gay estadunidense na virada do século XX para o século XXI. Nessa mesma série, deve ser lembrado o hilário Jack McFarland (personagem de Sean Hayes), melhor amigo gay de Will e extravagantemente gay.

Além de Will & Grace, Heartstopper (2022-2025), série da Netflix, apresenta vários casais

Revista Amazônia Jovem

queers em meio à trama. Charlie Spring (personagem de Joe Locke) e Nick Nelson (personagem de Kit Connor) – os protagonistas – são dois garotos que estudam no Truhan – um colégio só para rapazes – e se apaixonam depois que começam a sentar lado a lado durante as aulas. Enquanto Charlie expressa-se abertamente para todos como um garoto gay, Nick, depois perceber que nutre sentimentos por Charlie, passa a questionar a própria sexualidade e, por fim, começa a se identificar como bissexual. Tara Jones (personagem de Corinna Brown) e Darcy Olsson (personagem de Kizzy Edgell) são duas garotas lésbicas que estudam no Higgs – um colégio só para meninas – e são namoradas. O relacionamento no início começa em segredo, mas, depois de ser exposto nas redes sociais, as duas precisam aprender a lidar com os comentários e os olhares indiscretos. Tao Xu (personagem de William Gao) e Elle Argent (personagem de Yasmin Finney) eram apenas amigos enquanto estudavam no Truhan. Depois que Elle reconhece-se publicamente como uma mulher transgênero e transfere-se para o Higgs, os dois vão descobrindo aos poucos um novo sentimento e tornam-se namorados. Entre os casais, figura ainda o introvertido Isaac Henderson (personagem de Tobie Donovan), um garoto que passa a se identificar como assexual e aromântico após beijar um garoto e perceber que não sentiu nada. Entrando no mundo do cinema, filmes com personagens queers começaram a ser produzidos desde o início do século XX. Porém, para quem ainda nasceu no século XX, e principalmente para quem vive em regiões distantes dos grandes centros culturais, o acesso a esses longas-metragens antes não era nada fácil.

Para vê-los na tela da televisão, dependíamos da boa vontade das emissoras, que exibiam esses filmes, quando assim o faziam, em horários impróprios, passando da meia-noite. Para vê-los no cinema, estávamos sujeitos à chegada dessas produções às telonas. Até hoje, pelo menos em Belém, onde resido desde quando nasci, filmes com temática queer, apesar da existência de um ávido público para consumi-los, quando chegam às grandes redes de cinema, não apresentam muitas sessões e não perduram em exibição por mais de uma semana. Naquela época, então, era ainda mais difícil assistir a uma produção cinematográfica com personagens queers nas telonas. Na década de 90, as famosas locadoras, espalhadas por todas as esquinas da capital paraense, ofereciam a melhor opção para ter acesso a filmes com essa temática, mas, pelo menos para mim, causava-me desconforto encarar o atendente da loja quando eu chegava ao caixa com uma fita VHS e era obrigado a mostrar o título do filme a ser alugado. Parecia que eu estava cometendo um crime. Pelo menos, era essa a sensação que naquela época me assolava.

Apesar das dificuldades de acesso, consegui assistir ainda quando adolescente a filmes com temática queer que hoje se tornaram verdadeiros clássicos do cinema, como Priscilla, a rainha do deserto (1994), Para Woog Foo, obrigada por tudo! (1995), A gaiola das loucas (1996) e Transamérica (2005).

Com os streamings de filmes e séries a partir dos anos 2000, o acesso a filmes do mundo inteiro com temática queer tornou-se mais fácil do que era antes.

Revista Amazônia Jovem

É por meio dessas plataformas digitais que conseguimos hoje assistir a diversos longas-metragens com personagens dissidentes de gênero e sexualidade, como *Me chame pelo seu nome* (2017), *Hoje eu quero voltar sozinho* (2014), *Amor por direito* (2015), *Vermelho, branco e sangue azul* (2023), *Valentina* (2021), *A garota dinamarquesa* (2015), entre tantos outros. Esses e outros filmes apresentam, de maneira sensível, a história de personagens lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros.

Depois de um preâmbulo nada conciso (perdoem o autor pela empolgação), começo a escrever sobre o filme *Monster* (2023), um filme japonês de drama e suspense dirigido por Kore-eda Hirokazu a partir de um roteiro escrito por Yuji Sakamoto. Para começo de conversa, narra-se a história desse longa-metragem a partir de três perspectivas. Nesse sentido, o mesmo enredo é contado três vezes, mas, com a mudança de prisma, altera-se drasticamente a leitura dos fatos.

A primeira perspectiva é narrada a partir do olhar de Saori Mugino (personagem de Sakura Ando), uma mãe solo que cria sozinha o filho Minato (personagem de Soya Kurokawa) depois do falecimento do marido. Nesse primeiro momento, a mãe começa a perceber alguns comportamentos estranhos do filho aparentemente sem explicação, como quando volta para casa e encontra tufo de cabelo espalhados pela pia e pelo chão do banheiro, quando chega do trabalho e encontra apenas um lado do par de sapato do garoto e quando ao lavar a garrafa de água do menino encontra terra dentro do recipiente.

Preocupada, a mãe atribui esses incidentes ao professor que ministra aulas para o filho – o senhor Hori (personagem de Eita Nagayama) – e decide procurar a escola para saber o que está acontecendo. Percebendo que os comportamentos estranhos de Minato não desaparecem, Saori empenha-se ao máximo para que Hori seja demitido. A segunda perspectiva da história passa a ser narrada a partir do prisma de Hori, professor de Minato, e apresenta uma interpretação diferente dos fatos. O professor começa a acreditar que Minato está praticando bullying com o pequeno e delicado Yori (personagem de Hinata Hiiragi), colega de classe de Minato, como quando flagra Yori trancado numa cabine do banheiro depois de ter visto Minato saindo segundos antes desse mesmo lugar.

A terceira e última perspectiva passa a ser narrada com base na visão de Minato e Yori. Nesse momento, todos os fatos são aos poucos esclarecidos e giram em torno do bullying que Yori sofre de alguns outros colegas de classe, pois o garoto apresenta um jeito um pouco diferente de ser. Por medo de também ser alvo de violência, Minato mantém uma amizade escondida com Yori, mas também se sente desconfortável quando vê o amigo em situações de humilhação e violência e, quando pode, procura ajudá-lo de uma maneira que não levante muitas suspeitas diante dos outros colegas. Em meio à trama, Minato e Yori desenvolvem um pelo outro sentimentos até então estranhos e desconhecidos. Minato, em especial, apresenta dificuldades em lidar com o que se sente por Yori. Nesse momento, fica claro que o garoto mente para a mãe por medo e para se preservar e acaba culpando o professor inocente pelos comportamentos estranhos que apresenta.

Revista Amazônia Jovem

O que podemos, então, aprender a partir da trama do filme?

Apesar de algumas mudanças, vivemos ainda em meio a um mundo cisheteronormativo. Nesse mundo, a construção social, política e ideológica das pessoas, na maioria das vezes, pauta-se na premissa de que todos os seres humanos são cisgênero e heterossexuais. Assim, dissidentes de gênero e sexualidade compreendem-se, consciente ou inconscientemente, como inadequados e alimentam um sentimento de medo e angústia, principalmente durante a adolescência, período em que estão se descobrindo. É o que acontece com Minato, quando o garoto percebe que está desenvolvendo sentimentos desconhecidos e confusos por Yori. Na cena em que mãe e filho estão dentro do carro, Saori começa a idealizar um futuro para Minato a partir de uma perspectiva cisheteronormativa, na qual o filho casa-se com uma mulher e constrói uma família comum, aos moldes tradicionais. Angustiado com a possibilidade de não realizar o sonho da mãe, Minato, em meio a um acesso de desespero, abre a porta do carro e joga-se para fora com o veículo ainda em movimento. Afinal de contas, qual é a mãe cis e heterossexual que cria um filho esperando que ele seja homossexual?

É nítido que Minato sente-se confuso e desconfortável por se perceber incompatível com um mundo em que homens performam um tipo específico de masculinidade e, por essa razão, não podem se envolver afetivamente com outros homens. A partir do exemplo de Yori na escola, o garoto ainda compreende que a performance de qualquer outra forma de masculinidade pode ser punida pelos colegas de classe por meio do bullying.

Dessa forma, o garoto, com o intuito de se resguardar, precisa esconder e até mesmo mentir para todos a fim de ocultar os sentimentos que partilha por Yori, mesmo que essas mentiras coloquem em risco o emprego e a reputação do professor Hori.

Por outro lado, a perspectiva tanto da mãe quanto do professor demonstram a inaptidão das pessoas, presas a uma visão de mundo cisheteronormativa, em desconfiar que crianças e adolescentes apresentam comportamentos estranhos por se identificarem com um gênero e/ou com uma sexualidade dissidente. A partir da leitura dos fatos, Saori preferiu acreditar que o filho estava sofrendo violência física e moral por parte do professor. O professor, por sua vez, preferiu acreditar que Minato estava praticando bullying com Yori. De início, nenhum desses dois adultos sequer conseguiu desconfiar que todos os indícios que apareceram em meio à trama em volta de Minato e Yori aconteceram porque um adolescente estava com dificuldade de lidar com os próprios sentimentos em relação a um outro garoto.

Nesse sentido, o filme nos ensina a partir de uma perspectiva extremamente sensível que ainda estamos presos a um padrão de mundo cisheteronormativo que violenta as crianças queers, que não se encaixam em performances de gênero e sexualidade muito restritas. Conforme afirma Paul B. Preciado (2020, p. 71), “[a] criança é um artefato biopolítico que permite normalizar o adulto. A polícia de gênero vigia os berços para transformar todos os corpos em crianças heterossexuais”.

Revista Amazônia Jovem

Assim, a sociedade em que vivemos mantém ainda uma estrutura que procura impor, manter e salvaguardar a cisgeneridade e a heterossexualidade compulsórias em detrimento do bem-estar social de indivíduos queers, que se enquadram em outras formas diferentes de gênero e sexualidade socialmente estigmatizadas. Nesse grupo, as crianças queers, como demonstra o filme, são obviamente aquelas que mais sofrem, pois não compreendem ainda como funcionam as estruturas sociais de poder.

REFERÊNCIAS

PRECIADO, Paul. B. Quem defende a criança queer? In: _____. Um apartamento em Urano: crônicas da travessia. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.



E.T.: O EXTRATERRESTRE, DE STEVEN SPIELBERG: UMA VIAGEM CÓSMICA

Thiago Carone

Você, alguma vez, já se perguntou se existe vida inteligente em outros planetas? Essa questão inquietante vem sendo considerada por inúmeras tradições de pensamento ao longo do tempo e se tornou importante tema para o cinema contemporâneo. Há muito tempo, diversas civilizações desenvolveram narrativas míticas que, se lidas com atenção, fazem referências a possíveis contatos entre seres humanos e inteligências de outras galáxias. Há quem acredite nisso, e também aqueles que interpretam tais suposições como mera especulação. O importante é que a questão não passa despercebida pelo público atual.

Sucesso de bilheteria, o filme *E.T. O Extraterrestre* teve a sua estreia nos cinemas norte-americanos em 11 de junho de 1982. Encontramos nele uma narrativa poética a respeito da presença alienígena em nosso planeta. Dentre os poucos filmes que retratam os ET como seres benevolentes, a narrativa mostra a relação de amizade entre um menino chamado Elliot e um extraterrestre que fora deixado para trás, após sua nave ter “zarpado”. O início do filme mostra uma cena interessante: os ET estão recolhendo amostras de plantas na floresta, a nave estacionada em uma clareira, enquanto homens correm até eles portando lanternas e com o auxílio de cães farejadores. Alarmados pela perseguição que denuncia as suas presenças, os seres extraterráqueos fogem em sua nave, deixando para trás um dos seus integrantes.



SOBRE O AUTOR

Thiago Carone é professor, músico, escritor e editor fundador da Aludel Editora.

Revista Amazônia Jovem

O ET se refugia no quintal de Elliot, vindo a ser descoberto pelo garoto e seus irmãos que, entre inúmeras peripécias, tentam manter o novo amigo escondido da família e do serviço secreto norte-americano. O enredo mostra a tentativa do grupo de crianças em ajudá-lo a retornar a sua morada celestina.

Uma das cenas clássicas do filme é o ET e o grupo de crianças voando em suas bicicletas tendo uma lua cheia como pano de fundo. Um simbolismo interessante, dentre tantos outros, magistralmente implícito no filme, diz respeito ao dedo indicador do ET, que brilha. Do quarto de Elliot, ele aponta para cima na direção da janela e diz: – “ET, home, phone”, “ET, casa, telefone”, em português. Um dos detalhes do extenso afresco do teto da Capela Sistina, pintado por Michelangelo, mostra uma representação de Deus e de Adão, ambos com as pontas dos dedos indicadores quase a se tocarem, imagem essa sugerida no pôster original do filme desenhado por John Alvin.

Embora o filme possa parecer ingênuo para o espectador desavisado, boa parte de sua narrativa pode ser ancorada em variada e sólida literatura a respeito da relação entre a humanidade e os extraterrestres. É interessante notar que há uma expressão semelhante utilizada por Jesus nos *Evangelhos* quando afirma: “há muitas moradas na casa de meu Pai”, talvez se referindo à pluralidade dos mundos no universo. Entre as diversas temáticas abordadas no filme, estão a amizade, a solidão, o crescimento pessoal e as descobertas que nos possibilitam amadurecer na vida, tudo isso codificado na relação entre um ser humano e o extraterrestre.

Desde que li *Eram os deuses astronautas?* (1989), de Erich von Däniken, fiquei bastante impressionado com a quantidade de indícios que, supostamente, demonstram que a humanidade interagiu com algum tipo de inteligência extraterrestre. As pirâmides de Gizé, no Egito, as linhas do solo na planície de Nazca e Machu Picchu, no Peru, as construções de Puma Punku na Bolívia, os Moais da Ilha de Páscoa, Stonehenge na Inglaterra, a astronomia dos sumerianos, os Wandjina representados em pinturas rupestres pelos aborígenes da Austrália, a estranha figura cosmonáutica desenhada em Tassili n’Ajjjer, no Saara, figuram entre os grandes enigmas da humanidade que incitam a fervorosos debates.

A arqueofologia ou astroufologia, desde o período da Guerra Fria, vem se firmando como um campo de estudos que tem por objetivo preencher as lacunas deixadas pela ciência oficial no que diz respeito à interpretação do passado da humanidade. Esses assuntos vêm nutrindo o meu mundo de fantasia e a minha busca por respostas a respeito do sentido da existência humana e seu papel cósmico.

Tudo isso me incentiva a continuar minhas pesquisas e a cada interpretação do passado me deparo com mais questionamentos e ideias que estão em afinidade com o horizonte de eventos encontrados no filme de Spielberg. Nele há interessantes referências à casuística ufológica que faz parte do imaginário norte-americano. A maneira como os agentes do governo intervêm na busca e apreensão do amigo extraterrestre de Elliot revela os pressupostos da segurança nacional que servem de ponto de tensão na narrativa da história.

Revista Amazônia Jovem

Após as investidas de uma equipe de cientistas e militares, liderados pelo Dr. Evans, o ET é capturado. Essa situação provoca uma intercorrência que deslinda uma das cenas de maior apelo dramático no filme: Elliot chora sobre o corpo sem vida do extraterrestre que ressuscita ao se sentir tocado pelas lágrimas sinceras do amigo humano. O filme cria uma importante metáfora para a necessidade do convívio fraterno na diversidade, tema sensível na política de imigração dos Estados Unidos. É importante destacar que a palavra que o idioma inglês norte-americano utiliza para se referir ao “estrangeiro” é, curiosamente, “aliens”.

Estas reflexões sobre as relações humanas podem surgir do filme e, inclusive, das implicações de a humanidade se reconhecer como parte, não só de uma família global, mas de uma comunidade cósmica bem mais ampla. Se ainda temos muitos desafios e limitações no que diz respeito à convivência com a diversidade local, imagine no que diz respeito à suposição de um contato alienígena ou extraterrestre. Outro assunto decorrente do filme implica na possibilidade dessa interação ser algo bem mais antigo do que pensamos, uma vez que esses seres são representados utilizando tecnologias mais sofisticadas, o que reitera a ideia de que seriam os nossos “irmãos mais velhos” do cosmos.

Nesse contexto, descobri as investigações de Zecharia Sitchin, a quem intitulei de “o papa” das pesquisas nesse campo. Ele traduziu e interpretou as tabuletas de argila da antiga Suméria, revelando seus códigos míticos e relatos sobre os “Anunnakis”, seres que teriam vindo de outro orbe chamado Nibiru e estariam ligados ao surgimento da humanidade e da civilização. Ele escreveu um extenso projeto

intitulado “As crônicas da terra”, sendo o seu primeiro volume intitulado *O 12º planeta: Livro I das Crônicas da Terra* (2013), que tem por objetivo interpretar o tesouro cultural do passado sob a perspectiva do fator extraterrestre. Essa viria a ser uma de minhas paixões intelectuais e espirituais ao longo de algumas décadas de estudo. Também há o significativo trabalho de C. R. P. Wells em *Os semeadores de vida* (2008), *Eles estão entre nós* (2001) e *Um extraterrestre na Galiléia* (2003), que relatam a comunicação que ele e seu grupo de amigos tiveram com extraterrestres. Tais livros fazem uma reflexão sobre diversos tópicos da ufologia relacionados aos temas da política global, ecologia, religiões e espiritualidade. Entre várias religiões, tais como o Espiritismo, o assunto foi abordado com a devida atenção. No *Livro dos Espíritos* (2004), uma entre as cinco obras basilares da codificação feita por Allan Kardec, é perguntado o seguinte na questão 55: “Todos os globos que circulam no espaço são habitados?”. A resposta, a seguir, impressiona pela objetividade e implicações decorrentes: “Sim e o homem da Terra está longe de ser, como crê, o primeiro em inteligência, em bondade e em perfeição. [...] Deus povoou os mundos de seres vivos, concorrendo todos ao objetivo final da Providência.” Nos antigos livros sagrados do Hinduísmo, como é o caso da epopeia de *O Ramayana* (2011), há diversos relatos das Vimanas ou o *Pushpaka*, em sânscrito “imenso carro aéreo” no qual os deuses voavam e que estão retratados na estrutura de alguns templos indianos. No filme, percebemos que o veículo que os extraterrestres utilizam para a suas missões tem um formato que faz lembrar as Vimanas dos textos hindus.

Revista Amazônia Jovem

A sua estrutura obedece à clássica visão encontrada na casuística ufológica e nas mitologias antigas: luzes que vem do interior da nave, que geralmente piscam ou são coloridas, emissão de raios, sistema propulsor que permite a nave flutuar em qualquer direção, a presença de seres que parecem operar algum tipo de comando sobre a nave, rampas ou portais que servem de entrada e saída, trilhos de pouso que sugerem algum tipo de tecnologia à frente da utilizada pela população comum. A nave do ET aparece em dois momentos do filme: a primeira no início, na cena da floresta, quando ele é deixado na Terra; o segundo, quando o ET consegue se comunicar com o seu grupo que vem para buscá-lo para retornar ao seu planeta, revelando uma possibilidade de trânsito frequente no cosmos. Um exemplo da recorrência dessa temática é encontrado aqui na Amazônia. Entre os Kayapó, há uma cerimônia anual que celebra a memória de um encontro inusitado, registrado pela primeira vez em língua portuguesa por João Américo Peret (1980), brasileiro que era eminente estudioso da cultura indígena. De acordo com a narrativa dos Kayapó, no passado a tribo teria recebido a visita de um ser estranho vindo das estrelas, que ficou conhecido como Bep-kororoti. Ele chegou no topo da serra Pukatóti em um veículo que produziu sons e trovões. Em algum momento, ele foi até a tribo, convívio com eles, se casado, inclusive, e ensinado importantes técnicas relacionadas à organização social e até criado uma espécie de escola. Ele portava uma espécie de borduna, Kop, instrumento que trovejava e fulminava com raios. Depois de alguns desentendimentos com integrantes da aldeia, subiu a serra e, entre sons e fumaça que lembram o acionamento de um foguete ou algo parecido, teria retornado às estrelas.

Na celebração, até os dias atuais, um dos membros da tribo veste o *Bó*, uma indumentária feita de palha trançada semelhante à estrutura da roupa de um astronauta. O filme de Spielberg foi lançado no ano de 1982, um momento histórico recente com relação à situação de conflito político entre EUA e URSS, que ficou conhecido como Guerra Fria e que tem na queda do Muro de Berlim, em 1989, um dos marcos de sua conclusão. Não é à toa que o clima de tensão no filme é instaurado quando o ET é capturado e levado para instalações militares secretas, onde os cientistas pretendem estudá-lo. Esse conflito delinea no filme uma importante reflexão a respeito dos valores humanos, do quão a humanidade pode ser violenta e os interesses do Estado estão acima de qualquer representação emocional dos indivíduos – nesse caso, as crianças que desejam proteger o ET. A maneira como o filme mostra o interesse do governo em tais assuntos nos faz pensar na atenção que os EUA, assim como a URSS, têm pelo assunto até os dias atuais e que constitui parte importante de seus investimentos nessa área de pesquisa. Entretanto, esse assunto, dada a universalidade da casuística ufológica, também pode ser identificada em nosso país. Um dos exemplos disso mantém relação com o nosso contexto editorial. Aqui no Brasil, trabalhos como *Os discos voadores: da utopia à realidade* (2021), de Artur Berlet, *Fator extraterrestre* (2004), de Jan Val Ellam, e as pesquisas do “Projeto Terra”, desenvolvidas pelo professor Laércio Fonseca, merecem destaque, por trazerem ao público ideias que traçam um diálogo entre a ufologia, a física quântica, a espiritualidade e a mitologia, dentre tantos outros assuntos.

Revista Amazônia Jovem

Nessas obras, encontramos importantes reflexões sobre o propósito ético e cósmico da humanidade, entendida nesse contexto como mais uma, dentre várias, das comunidades de diversas galáxias no universo. No contexto amazônico, devemos frisar as valiosas contribuições do coronel Uyrangê de Hollanda, comandante do Para-Sar, um esquadrão de elite da Força Aérea Brasileira, encarregado das primeiras investigações da “Operação Prato”, o qual registrou, organizou e divulgou informações inéditas sobre os contatos extraterrestres ocorridos em diversas regiões do distrito de Mosqueiro, municípios de Vigia, Colares e Santo Antônio do Tauá, no estado do Pará, nos anos de 1977-78. Boa parte dessas informações está registrada em livros de escritores paraenses, tais como *Vampiros extraterrestres na Amazônia* (1991), de Daniel Rebisso Giesel, *Ilha de Colares na Amazônia: O fenômeno prato-voador* (2014), *A luz misteriosa* (2015), de Agildo Monteiro e *Luzes do Medo - Relato de um Repórter na Operação Prato* (2019), do jornalista Carlos Mendes.

Diferentemente dos relatos de medo encontrados em tais registros literários, o filme *E.T.: O Extraterrestre* é desenvolvido em um parâmetro amistoso, no qual o diretor do filme tentou retratar o valor da amizade e da descoberta da possibilidade de conexão cósmica com outros seres. Entre as curiosidades do filme, podemos destacar o nome “E.T.” como a primeira e última letra do nome do personagem “Elliot”. O diretor escreveu o roteiro desse filme após as filmagens de “Contatos imediatos de terceiro grau” (1977), um filme de casuística ufológica e de terror.

O objetivo inicial era o de fazer uma ficção científica a partir de um roteiro intitulado “Night Sakes” e que desse sequência ao filme anterior com a mesma proposta alienígena. Entretanto, o projeto foi apresentado para Melissa Mathison que leu e deu novos direcionamentos ao roteiro que teve o seu rascunho intitulado de “ET and Me”, o qual foi aprovado pelo diretor Steven Spielberg. Após vários ajustes e um roteiro atualizado feito pela roteirista, o filme seguiu conforme o lançado em 1982. Entre diversas especulações, sejam elas ligadas às teorias da conspiração, ou das religiões, é importante frisar que até mesmo a ciência contemporânea não se esquivou da questão. Em *Extraterrestre: o primeiro sinal de vida inteligente fora da Terra* (2021), Ave Loeb, chefe de departamento de Astronomia da Universidade de Harvard, argumenta que o objeto peculiar, chamado de “Oumuamua” em dialeto havaiano, entrou em nosso sistema solar apresentando movimentos atípicos segundo os quais levou o cientista a suspeitar que seria um objeto artificial, feito por alguma inteligência não humana. No livro, o astrônomo traz uma série de explicações científicas para corroborar a sua tese de que o objeto não era natural, ou seja, não poderia ser um cometa e nem um escolho comum viajando pelo universo, o que rendeu bastante polêmica no mundo acadêmico. O filme de Spielberg se ajusta ao aspecto extraordinário em que vivemos, corroborado por importantes intelectuais que tiveram a coragem de apresentar ao público mais amplo a temática e seus indícios comprobatórios. Encontramo-nos diante do tema tal qual o garoto Elliot, com a inocência daquele que está diante de uma importante descoberta sem ter as dimensões do seu real significado e implicações para a cultura global.

Revista Amazônia Jovem

Entre tantos debates que estão relacionados ao interessante campo de estudos, o filme de Spielberg corrobora a sensação de que “há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que sonha a nossa vã filosofia”, tal qual afirmava Shakespeare em seu *Hamlet*. É com esse sentimento que os personagens se despedem do ET que, após toda a aventura com os seus amigos terráqueos, consegue contactar a nave que o leva de volta ao lar nas estrelas.

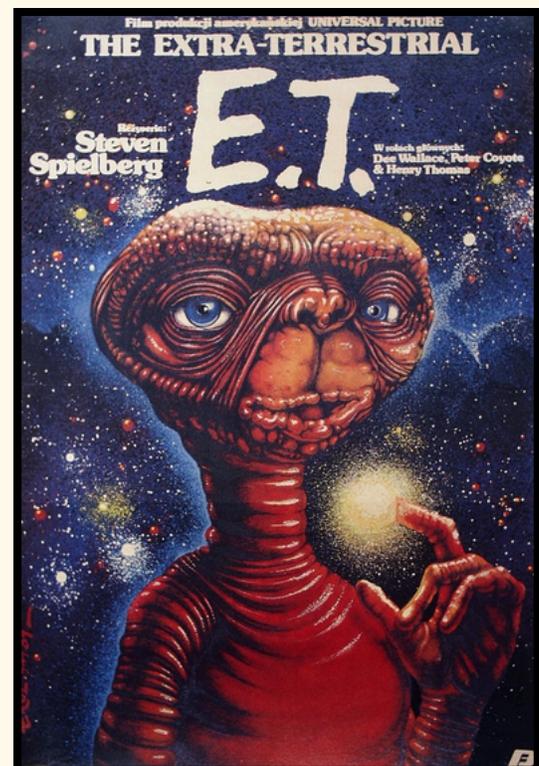
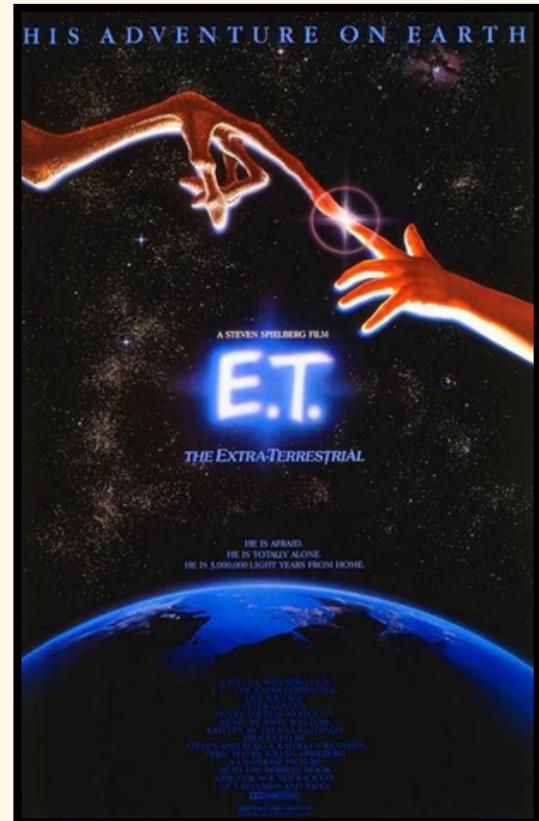
Quando o filme completou 37 anos em 2019, a empresa *Xfinity* de telecomunicações e entretenimento havia produzido um comercial de Natal que mostra Elliot já adulto, representado pelo mesmo ator Henry Thomas, recebendo uma nova visita de seu amigo cósmico. Ele apresenta o ET a sua família e, em um ambiente aconchegante, os valores defendidos pelo filme de 1982 vem à tona, inspirando nos fãs um sentimento de nostalgia e o desejo de uma sequência para a narrativa cinematográfica. O filme conquistou quatro estatuetas do OSCAR em 1983 nas categorias de melhor trilha sonora original, melhor mixagem de som, melhor edição de som e melhores efeitos visuais. Também ganhou o prêmio de melhor filme dramático e melhor trilha sonora durante a quadragésima cerimônia do Globo de Ouro, ocasião na qual também foi indicado nas categorias de melhor roteiro, melhor direção e melhor ator revelação. A Associação de Críticos de Cinema de Los Angeles concedeu à Melissa Mathison o prêmio “New Generation Award” e ao filme o de melhor direção e melhor filme. Essas foram algumas, dentre outras, premiações com as quais o filme *E.T.: o extraterrestre* fora agraciado por instituições renomadas.

O filme *E.T. O Extraterrestre* se tornou, ao longo do tempo, uma importante referência para esse tipo de temática, repleto de reflexões, sentimentos e simbolismos voltados para a ideia de que a humanidade não está sozinha no universo. Embalados pelo clima de saudade, Elliot e o ET se abraçam, tendo a nave alienígena com suas luzes ao fundo, evocando uma atmosfera de transcendência e intimidade. Antes de subir em sua nave, com o dedo em riste e brilhando, o ET aponta para a testa de Elliot e afirma o seguinte: “– Estarei aqui mesmo”. Um fato curioso: o local indicado pelo ET é a região que fica na direção da glândula pineal, órgão relacionado às percepções extra-sensoriais (PES), à visão mediúnica e à intuição artística, sugerindo, de modo subliminar, que o tipo de conexão que eles estabeleceram está além das limitações do tempo e do espaço. Eis a mensagem atemporal do filme, feita para meditarmos sobre a possibilidade de fazemos parte de outras comunidades cósmicas.

Revista Amazônia Jovem

REFERÊNCIAS

- BERLET, Artur. *Os discos voadores: da utopia à realidade: narrativa de uma real viagem a outro planeta*. 4. ed. Passo Fundo: Berthier, 2021.
- BUCK, William. *O Ramayana*. São Paulo: Cultrix, 2011.
- CAVALCANTE, Agildo Monteiro. *A luz misteriosa*. Belém, PA: Editora Café, 2015.
- *Ilha de Colares na Amazônia: fenômeno prato-voador*. Belém, Pa: Editora Café, 2014.
- DÄNIKEN, Erich von. *Eram os deuses astronautas?* São Paulo: Melhoramentos, 1989.
- ELLAM, Jan Val. *Fator extraterrestre*. São Paulo: Zian, 2004.
- GIESEL, Daniel Rebisso. *Vampiros extraterrestres na Amazônia*. Falangola Editora, 1991.
- KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Salvador Gentile. Catanduva, SP: Boa Nova Editora, 2004.
- LOEB, Ave. *Extraterrestre: o primeiro sinal de vida inteligente fora da Terra*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.
- MENDES, Carlos. *Luzes do medo: relato de um repórter na operação prato*. Editora Biblioteca UFO, 2019.
- PERET, João Américo. *Jornal Regional. Bep-kororoti: o guerreiro do espaço*. Manaus, Domingo: 20 de julho, 1980, p. 11.
- SPIELBERG, S. (Diretor). (1982). *E.T. – O Extraterrestre* [Filme]. Universal Pictures, 1982,
- SITCHIN, Zecharia. *O 12º planeta: Livro I das Crônicas da Terra*. São Paulo: Madras, 2013.
- WELLS, C.R.P. *Eles estão entre nós: não há mais como negar essa realidade*. São Paulo: Madras, 2001.
- *Semeadores de vida: a ação dos guias confederados na Terra*. São Paulo: Madras, 2008.
- *Um extraterrestre na Galiléia*. São Paulo: Madras, 2003.



A SÉTIMA ARTE



Em seu livro ***O Manifesto das sete artes***, o italiano **Ricciotto Canudo** afirmou que o Cinema é a sétima arte. O livro foi escrito em 1911 e publicado somente em 1923, no qual apresentou as setes artes clássicas. Ricciotto Canudo foi um importante crítico e teórico do cinema italiano, conhecido por ser um dos primeiros a reconhecer o cinema como uma forma de arte. Ele nasceu em 1877 na Itália e ficou famoso por ter criado o conceito de "Séptuplo Arte", que defendia o cinema como a sétima arte, ao lado da pintura, escultura, arquitetura, música, dança e poesia. Canudo acreditava que o cinema tinha potencial artístico e cultural, e sua ideia ajudou a elevar a percepção do cinema na sociedade. Sua contribuição foi fundamental para a valorização do cinema como uma expressão artística legítima. Ele faleceu em 1923, mas seu legado permanece na teoria cinematográfica até os dias atuais.

O REI LEÃO

Alicia Syang

O filme fala sobre o Mufasa, Scar e o principal Simba. Após Mufasa morrer o Simba acaba se afastando achando que a culpa é dele pelo pai ter morrido e daí Scar toma o lugar dele e acaba com tudo, o que era um lugar lindo ficou feio, mas Nala vai atrás de Simba, ele volta e toma o seu trono, é muito linda a história, o que faz eu gostar mais desse filme é porque eles falam muitas frases que refletem sobre a vida como “a traição vem de quem você menos espera”. Parece que o senhor fala com você, para a gente nunca esquecer quem nós realmente somos, precisamos ter orgulho de quem somos e não podemos fugir de nós, é isso que o filme quer passar, seja você mesmo, seja forte, se ame e tenha fé.



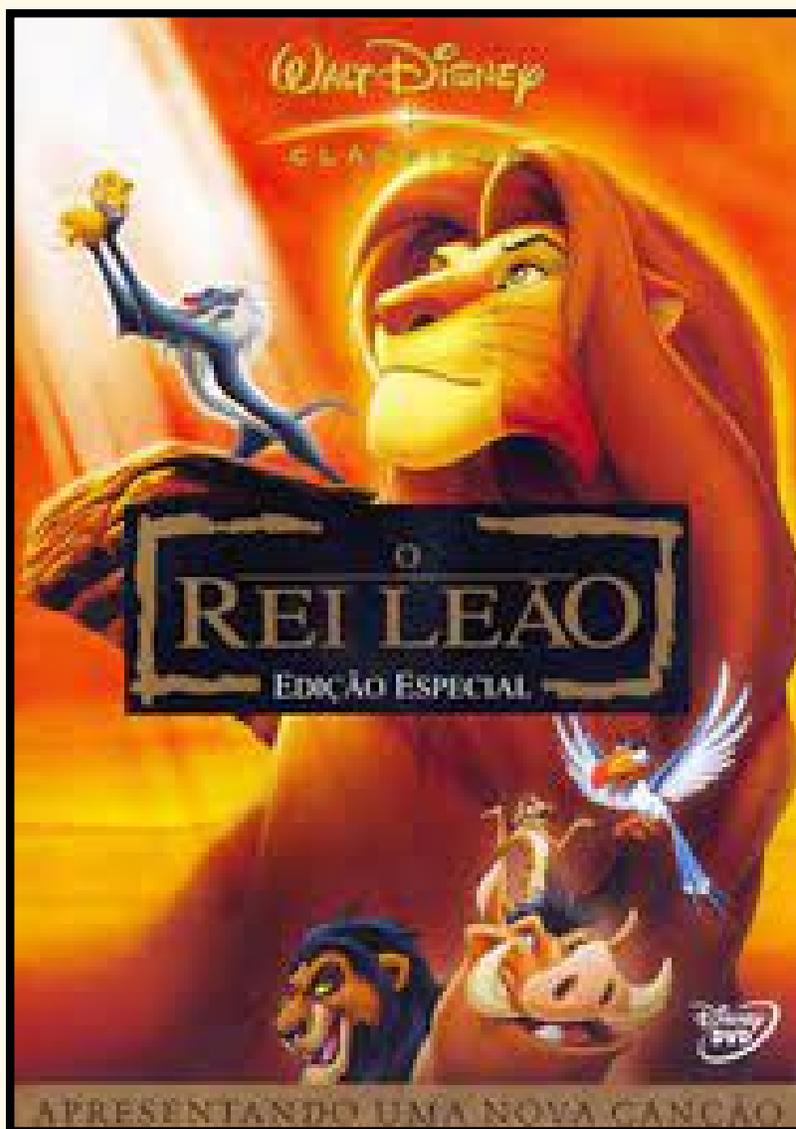
SOBRE A AUTORA

Sou Alicia Syang Pantoja Barbosa, nascida em Belém em 27/01/2011, estudante do Ensino Fundamental na E.M.E.I.F. República de Portugal, no bairro da Marambaia.

Revista Amazônia Jovem

O MENINO DE PIJAMA LISTRADO

Alicia Syang



O MENINO DE PIJAMA LISTRADO

Ana Beatriz

O filme que irei descrever é bastante interessante, ele se chama “O menino de pijama listrado”. A história se baseia na 1º e 2º guerra mundial, esse tempo foi bem triste para os judeus, não só os judeus como os negros e os homossexuais, até os religiosos daquele tempo.

Voltando para a história do filme, um garoto que se chama Bruno veio de uma família rica, seu pai era um meio que “chefe”, ele dava ordens para os soldados nazistas, já a sua mãe era uma dona de casa e era mais doce e gentil que as mulheres daquele tempo, também tinha sua irmã que estava na fase rebelde.

O Bruno estava brincando no quintal, ele era proibido de ir para o quintal, certa tarde ele foi brincar sozinho até que se depara com uma criança em uma “fazenda”, ele usava um pijama listrado, se chamava Samuel e tinha 8 anos. Bruno ia todos os dias brincar naquele lugar, ele e Samuel viraram melhores amigos. Um dia Bruno entrou no campo de concentração, eles eram crianças inocentes, eles entraram em uma sala gigante e saía um gás tóxico nela, infelizmente eles faleceram.

O que eu entendi com isso? Essa história é bem complexa.

O que aprendemos com isso? Eu aprendi que o preconceito é errado de todas as formas, devemos amar o próximo assim como amamos a nós mesmos.

Que os povos continuem a lutar pela liberdade e para acabar com o preconceito.



SOBRE A AUTORA

Olá me chamo Ana Beatriz, sou uma estudante na escola República de Portugal, tenho 14 anos, meus hobbies são escutar música, desenhar, fotografar e ler.

Revista Amazônia Jovem

O MENINO DE PIJAMA LISTRADO

Ana Beatriz



O MILAGRE DA FÉ

Ana Clara

O milagre da fé é um filme cristão que fala sobre um acidente com um garoto chamado John e seus amigos. Tudo começou quando John resolveu ir em um lago congelado com seus amigos, sua mãe era uma cristã, quando eles chegam lago um senhor diz para eles tomarem cuidado pois o gelo esta fino, os garotos não escutam e ficam pulando em cima do gelo, o gelo quebra e eles caem dentro do lago, um de seus amigos sai e tenta ajudar mas John acaba afundando piorando ainda mais a situação, o corpo de bombeiros chega para salvar os meninos, um dos bombeiros escuta uma voz e ao procurar a voz ele acha John, eles vão para o hospital e John chega sem vida, os médicos não conseguem salvar ele então um dos médicos diz para a mãe dele se despedir do garoto, a mãe dele em desespero pede um milagre para Deus. Com sua fé John reage impressionando os médicos e ele é transferido para outro hospital para se tratar, enquanto ele está no hospital os bombeiros conversam sobre como conseguiram achá-lo, após um tempo John consegue se recuperar e volta a sua vida normal, sua mãe e ele ficam mais próximos de Deus, o filme passa a mensagem que devemos permanecer em nossa fé independente da situação.



SOBRE A AUTORA

me chamo Ana Clara, sou aluna da 902 do República de Portugal, nasci no dia 16 de dezembro de 2010 e gosto de conhecer lugares e pessoas novas, gosto da minha própria companhia, sou focada nos meus estudos, gosto um pouco de esportes, amo viver a vida e tenho o sonho de ser advogada criminalista.

A NOIVA CADÁVER

Ellen Gabriela

A noiva cadáver é uma história de amor, morte, vingança e libertação. Victor é prometido em casamento a Victoria, uma filha de grandes nobres, durante o ensaio Victor duramente repreendido por não decorar os votos, ele vai para a floresta ensaiar, falando o voto ele sem querer se casou com Emily que era uma noiva cadáver, ele foi levado ao mundo dos mortos, enquanto Victor estava desaparecido, Victória acaba sendo prometida a outro lorde misterioso e quando Victor descobre, ele aceita Emily como sua esposa e ele vão para o mundo dos vivos fazer a cerimônia do casamento.

Durante a cerimônia, Victória foge do seu atual marido e vai para a cerimônia de Victor e durante a cerimônia, Emily a viu e desiste do casamento para Victor poder casar-se com Vitória. O atual marido de Victória invade o casamento querendo levar Victória, mas Emily o reconhece como homem que a matou e ele morre quando toma o veneno, após a morte do lorde, Emily larga o buquê e liberta a própria alma.

Eu gosto da forma como o filme demonstra a morte. O mundo dos mortos é colorido e festivo, enquanto o dos vivos é triste e sem cor. A morte não é tratada como um fim ou como algo a ser temido e sim como uma continuação ou um novo começo. Eu gosto de como a Emily pega o buquê no final sem ter se casado, foi como se ela se libertasse do sonho que a prendeu por tanto tempo, também ela liberta Victor para ir com Victoria estava tão desesperada para se casar que acabou prendendo Victor em um casamento que ele não queria, é por isso que eu gosto de a noiva cadáver, pois demonstra que a única coisa que prendia Emily um sonho destruído, como ela amou Victor e por isso o deixou.



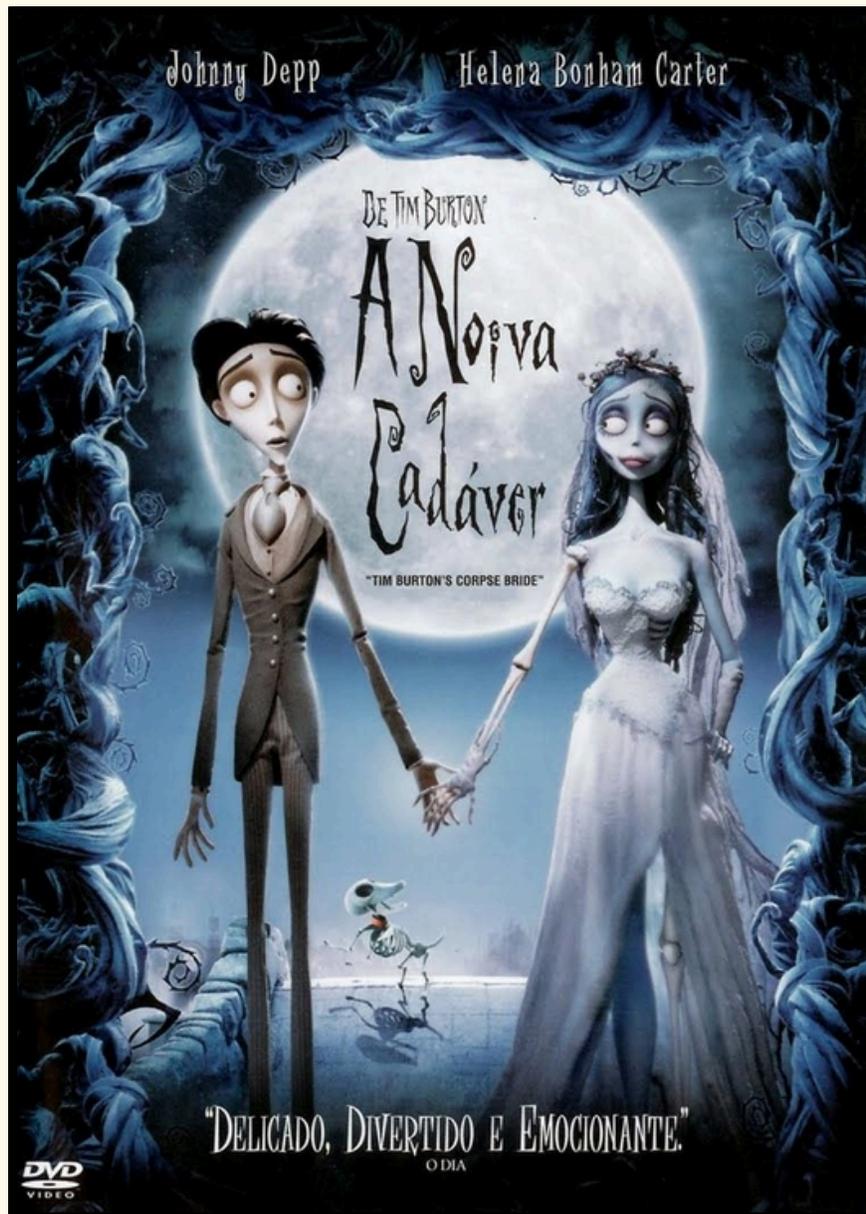
SOBRE A AUTORA

Meu nome é Ellen Gabriela, eu tenho 13 anos e estudo na escola municipal República de Portugal, na Marambaia, eu gosto de ler principalmente livros de romance e clássicos góticos, eu desenho a 5 anos, eu estudo sobre arte e meu sonho é conseguir viver fazendo o que eu amo, eu escuto músicas antigas, nacionais e internacionais.

Revista Amazônia Jovem

A NOIVA CADÁVER

Ellen Gabriela



A CABANA

Emanuel de Oliveira

O filme começa assim: Mackenzie quando criança apanhava e a mãe dele também, o pai de Mack bebia muito e era presbiteriano da igreja.

Quando Mackenzie voltava da escola, seu pai estava bêbado e estava batendo em sua mãe, ele tentou ajudar, mas seu pai deu um soco em sua cara, Mack saiu de casa e sua vizinha lhe convidou para comer uma torta de maçã, ele agradeceu e comeu, eles conversaram:

- Olhe para mim criança
- Os pais não deviam fazer isso com seus filhos, não é amor

Ele pergunta:

- O que eu devo fazer

Ela responde:

- Fale com Deus ele sempre escuta

Em um domingo, ele confessa tudo que está acontecendo em casa e Mackenzie envenena seu pai.

Mackenzie agora quando adulto, acontece uma situação pior do que quando ele era criança, num certo dia Mack e sua família foram para um passeio, durante o passeio eles pararam numa cachoeira e ele contou uma história para sua filha mais nova, ele terminou e prosseguiram a viagem. Durante a viagem Josh seu filho mais velho estava se afogando, ele vai e salva seu filho, quando ele volta para ver sua filha, mas ela não estava mais no lugar.



SOBRE O AUTOR

Sou Emanuel de Oliveira, nasci em 15/09/2010, estudo no colégio República de Portugal, quero ser jogador de vôlei quando adulto, posso dizer que estou feliz por ter contribuído com essa revista e agradeço a oportunidade.

Revista Amazônia Jovem

A CABANA

Emanuel de Oliveira

O filme começa assim: Mackenzie quando criança apanhava e a mãe dele também, o pai de Mack bebia muito e era presbiteriano da igreja.

Quando Mackenzie voltava da escola, seu pai estava bêbado e estava batendo em sua mãe, ele tentou ajudar, mas seu pai deu um soco em sua cara, Mack saiu de casa e sua vizinha lhe convidou para comer uma torta de maçã, ele agradeceu e comeu, eles conversaram:

- Olhe para mim criança
- Os pais não deviam fazer isso com seus filhos, não é amor

Ele pergunta:

- O que eu devo fazer

Ela responde:

- Fale com Deus ele sempre escuta

Em um domingo, ele confessa tudo que está acontecendo em casa e Mackenzie envenena seu pai.

Mackenzie agora quando adulto, acontece uma situação pior do que quando ele era criança, num certo dia Mack e sua família foram para um passeio, durante o passeio eles pararam numa cachoeira e ele contou uma história para sua filha mais nova, ele terminou e prosseguiram a viagem.

Durante a viagem Josh seu filho mais velho estava se afogando, ele vai e salva seu filho, quando ele volta para ver sua filha, mas ela não estava mais no lugar.



INOCÊNCIA

Emilly Victória

O filme que escolhi foi “O menino de pijama listrado”, ele se passa em um momento marcante da história, que é o nazismo. É um filme com um final trágico? sim mas mostra e ensina muita coisa, ele mostrou duas crianças em realidades bem diferentes, que viveram uma “amizade proibida” digamos assim, aquele menino não o que aquelas pessoas passavam do outro lado da cerca, era uma criança inocente e sua inocência o levou a morte. Ainda assim acredito que aquela criança fez o menino de pijama listrado ter os últimos dias mais felizes de sua vida.

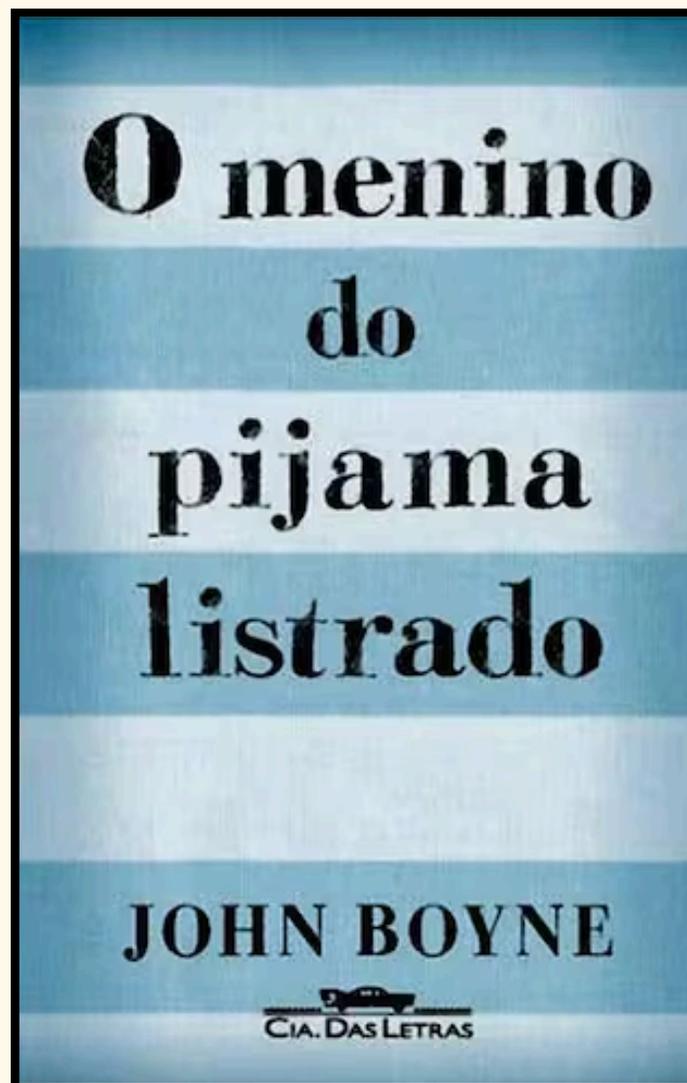


SOBRE A AUTORA

Sou Emilly, tenho 14 anos, estudo na escola municipal República de Portugal, nasci em Belém no dia 31 de janeiro e uma coisa que gosto de fazer e assistir séries.

INOCÊNCIA

Emily Victória



**Livro que foi referência
para a adaptação
cinematográfica**

O MÁGICO DE OZ

Guilherme Tadeu

Todos nós temos novos filmes preferidos, seja porque o filme é bom ou divertido, mas o filme que falarei agora é um que me marcou de uma forma especial e que me fez refletir muito mais do que eu imaginava.

“O mágico de Oz” sempre me encantou com sua história fantástica, para quem não tem o hábito de assistir filmes eu recomendo fortemente esse. Mesmo que nem todos gostem de algo tão fantástico, é sempre legal ouvir recomendações de outras pessoas mesmo que o filme não te agrade inicialmente.



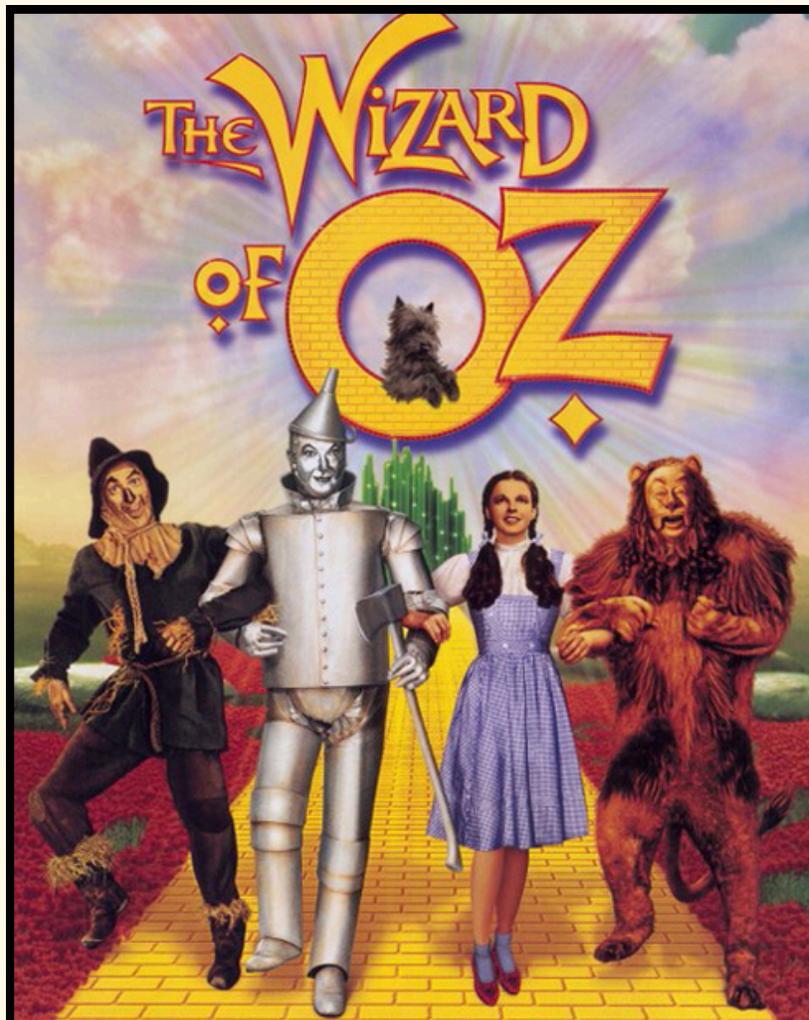
SOBRE O AUTOR

sou Guilherme Tadeu, da turma 902 do colégio República de Portugal.

Revista Amazônia Jovem

O MÁGICO DE OZ

Guilherme Tadeu



O PEREGRINO

Ketelen Nicoly

Esse filme retrata sobre um homem que conhece a palavra de Deus em um mundo de pessoas que adoram outros deuses, ele conheceu Deus e começou a ir para o caminho da salvação.

Ele saiu de sua cidade para achar o reino dos céus, mas passou por várias tribulações no caminho, passou fome, sede e todos isso adicionava um fardo pesado em suas costas, escalou montanhas e a parte que eu mais gostei foi quando por aquele de baixo acabou indo no inferno, ele se lembrou do que o anjo de Deus disse e falou: “mesmo que eu passe pela sombra da morte não temerei mal algum, pois tu estás comigo” e em seu corpo apareceu uma armadura reluzente, que brilhava que espantou todos os seres malignos que chegavam perto e conseguiu ser aprovado para seguir seu caminho, logo em seguida viu um lago e do outro lado as portas do céu, ele tentou nadar, se afogou muitas vezes mas depois de 3 dias ele pensou em desistir, pediu ajuda a Deus e ele o levou ao reino dos céus.



SOBRE A AUTORA

Ketelen Nicoly, tenho 14 anos, gosto de vôlei, de ficar com minhas amigas e nasci em 28/06/2010.

Revista Amazônia Jovem

O PEREGRINO

Ketelen Nicoly



THE LORAX

Laelton Monteiro

O Lorax é um filme e um livro escrito pelo Dr. Seuss, o autor mais popular dos estados unidos. O filme fala sobre a Ganância e egoísmo do homem representados por Once-ler, no começo do filme mostra uma floresta feliz, animais cantando, peixes dançando e Lorax o espírito da floresta feliz também, Once-ler aparece e desmata a floresta, cria indústrias e extingue animais em troca de dinheiro e poder. No final do filme Lorax vai embora, o filme critica as empresas e indústrias que ferram o meio ambiente em troca de dinheiro.



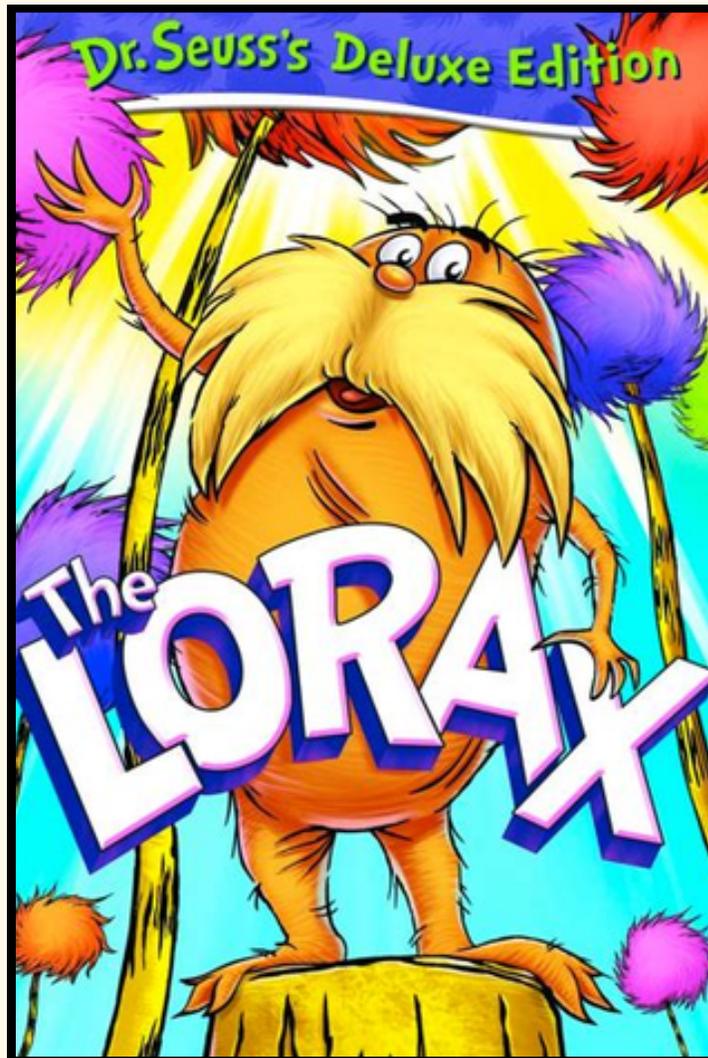
SOBRE O AUTOR

Sou Laelton Monteiro, nascido e criado em Belém do Pará, gosto de jogos e de histórias, quero ser programador de software e ser uma pessoa melhor a cada dia.

Revista
Amazônia Jovem

THE LORAX

Laelton Monteiro



GAROTA DO SÉCULO XX

Maria Eduarda

Esse filme se passa em 1999, nesse filme iremos acompanhar uma adolescente que fica toda apaixonada por um cara, foi amor a primeira vista porém ela precisava viajar para os Estados Unidos pois ela precisava fazer uma cirurgia muito importante, então ela deixa sua amiga Bora encarregada de seguir os passos desse cara e dizer o que ele gosta e o que não gosta, irão acontecer algumas reviravoltas e Bora também irá se apaixonar pelo cara, a protagonista volta mas percebe que ele estava apaixonado por outra pessoa.



SOBRE A AUTORA

Sou Maria Eduarda, nasci em 28 de setembro de 2009, gosto de ler, escutar músicas e da cultura japonesa.

Revista Amazônia Jovem

GAROTA DO SÉCULO XX

Maria Eduarda



HARRY POTTER I

Nayla Leal Costa Pereira

Acredito que muito jovens já assistiram Harry Potter ou já ouviram falar nele . Harry Potter é baseado nos livros que foram lançados em 1997 e os filmes começaram a ser lançados em 2001 e são 8 filmes. Hoje em dia, ainda há muitos jovens que gostam desse filme, mas Harry Potter não é um simples filme bruxos e bruxas é um grande aprendizado sobre amizades e coragem para enfrentar seus maiores medos.

Harry Potter, foi criado pelos seus tios desde bebê e, assim que ele completa 10 anos, recebe uma carta de Hogwarts para entrar na escola. Mas, com apenas 10 anos, ele não sabia era tão conhecido por todo o meu bruxo seus tios nunca contaram nada sobre Hogwarts pra ele. Rebeus Hagrid e assim ele começa uma nova jornada. Ele pega trem e chega em Hogwarts . Lá, ele faz amizades com Hermione e Ron , e os três se tornam melhores amigos e, juntos não só enfrentam aventuras, mas também descobrem novas magias e novos animais.



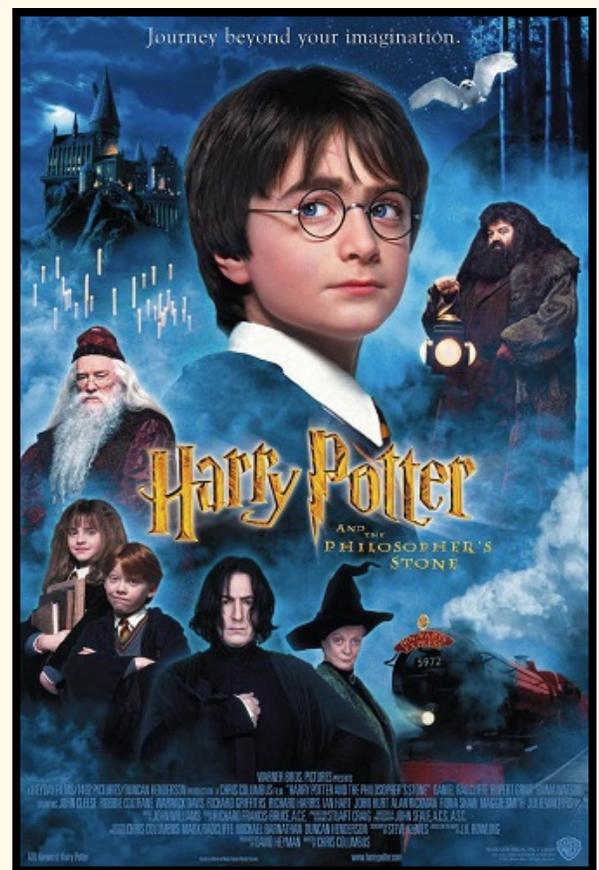
SOBRE A AUTORA

Nayla Leal Costa Pereira é aluna do 1º ano do ensino médio da Escola Estado Presidente Costa e Silva, nasceu dia 15 de julho de 2009. Os seus hobbies são: assistir filmes e séries, de preferência romance, e ficar com os seus gatos e seus amigos.

HARRY POTTER I

Nayla Leal Costa Pereira

mbém descubrem novas magias e novos animais. Com o passado dos anos ,Harry Potter vai descobrindo a sua história de como seus pais morreram e conhece seu maior inimigo , Voldemort. Ao longo dos filmes , eles começa uma batalha muito cansativa. No meio disso , Harry, Hermione e Ron acabo discutindo, e depois de umas semanas eles volta a se falar e depois disso eles não deixam nada afetarem eles. Com sua força, lealdade e coragem, consegue vencer essa batalha contra Voldemort. O filme de Harry Potter não é um filme qualquer, alguns jovens podem achar que é um filme chato. Mas dentro do filme você vai ter muito aprendizado. Eu indico muito assistirem aqueles que ainda não assistiram. Também tem os filmes “ Animais Fantásticos” , que passam muito antes de Harry Potter me ajuda você a entender um pouco melhor sobre filmes.



HARRY POTTER II

Nickole Duarte

Meu filme favorito é Harry Potter e a pedra filosofal, ele fala sobre um garoto que quando era pequeno seus pais foram mortos por um bruxo chamado lord Voldemort e ele fica órfão e foi mandado para sua tia, ele cresceu lá só que ele não cresceu feliz pois era maltratado pelos seus tios, até quando completou 11 anos e recebeu sua carta para Hogwarts, seu tio não aceitou que ele iria para lá então não deixou ele ver a carta, até que um dia Hagrid foi buscar Harry e o levou para comprar seu material escolar, ele o deixou na plataforma de trem onde Harry foi para Hogwarts, estudou magia e fez várias coisas ao longo dos filmes.



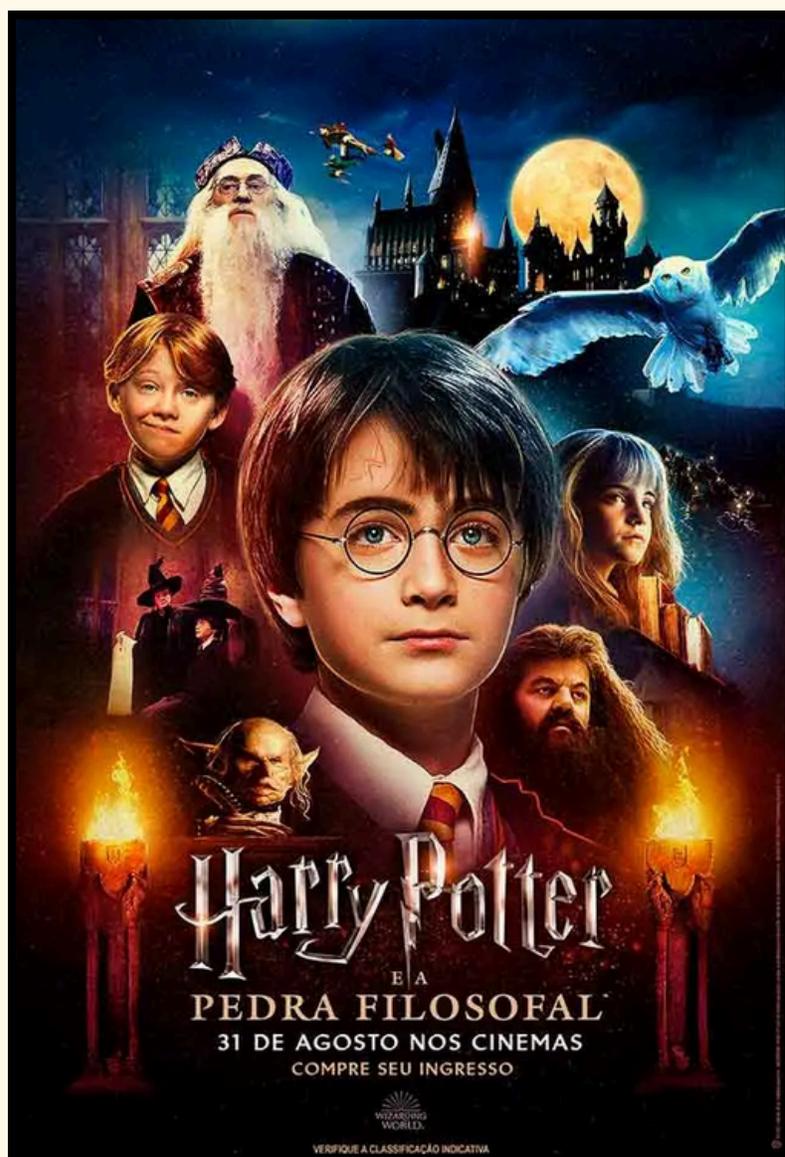
SOBRE A AUTORA

meu nome é Nickole Emanuely de Farias Duarte, nasci em 07/04/2010, sou de Chapadinha Maranhão, sou filha de Werdem Keylle e Francimara de Farias, eu gosto de ler e praticar esportes como vôlei e fut vôlei.

Revista Amazônia Jovem

HARRY POTTER

Nickole Duarte



FORREST GUMP

Paulo Victor

É também um livro. Não importa com quem esteja falando, se é a senhora do ponto de ônibus, um homem milionário ou até mesmo o presidente dos estados unidos, Forrest Gump trata a todos exatamente da mesma forma, trata todos com respeito e com honestidade, ser bajulador não existe no mundo de Forrest, porque não importa a fama nem o status, as pessoas são pessoas e Forrest conseguiu se casar com Jenny mesmo sendo autista e inocente.



SOBRE O AUTOR

Meu nome é Paulo Victor, eu gosto de jogar futebol e ler livros de aventura e reflexão.

Revista
Amazônia Jovem

FORREST GUMP

Paulo Victor



MEU PÉ DE LARANJA LIMA

Rafaelly Cristine



“Meu pé de laranja Lima” é um filme muito emotivo, Zezé o protagonista é rebelde demais, porém a sua rebeldia não se define apenas em bagunças ou xingamentos, Zezé também tinha uma rebeldia no coração que fazia ele se sentir bagunçado, ele queria dos pais, mas a mãe estava sempre cansada do trabalho e o pai sempre frustrado em busca de trabalho.

O filme passa mostrando a solidão de uma criança que encontrou amor em um senhor que assim como ele também era solitário, com diversas cenas de quebrar o coração, Zezé foi como um espelho para mim, o protagonista só queria se sentir verdadeiramente amado, e se sentiu, mas não por muito tempo, o homem que ensinou sobre ternura ao Zezé, morreu ao passar em frente a um trilho de trem.

SOBRE A AUTORA

Sou Rafaelly Cristine, estudo no República de Portugal, goto de ler e ficar sozinha, quando crescer sonho em morar na Itália.

Revista Amazônia Jovem

MEU PÉ DE LARANJA LIMA

Rafaelly Cristine



ATÉ O ÚLTIMO HOMEM

Renan Henrique

O filme até o último homem retrata dos tempos de guerra, mais precisamente na segunda guerra mundial. O que destaca nesse filme é ele ser baseado em fatos reais, a motivação desse filme foi a inédita atitude do soldado Desmond, esse soldado de começo queria ajudar seu país pela parte da enfermaria, mas houve um engano e ele foi colocado para ajudar na parte do combate, frente a frente com o inimigo, Desmond era uma pessoa muito religiosa que acreditava em Deus, ele era uma pessoa de coração puro que em sua cabeça não fazia sentido matar ou fazer mal a alguém, então Desmond foi para a guerra sem intenção nenhuma de ferir alguém, ele ajudou seus amigos combatentes sem tocar em uma arma ou ferir alguém, ele fez atos incríveis no meio da guerra, sozinho ele levou seus amigos feridos de volta a base, para eles se recuperarem. Desmond foi um exemplo de homem, ajudou seu país e ganhou a guerra sem tocar em uma arma.



SOBRE O AUTOR

sou Renan Henrique, meu pai é Fernando Henrique, minha mãe é Amanda Kerollen, meu Hobby é jogar bola, tenho 14 anos, nasci em 02/08/2010 e tenho o sonho de ser jogador de futebol.

MAZE RUNNER: A DISTOPIA QUE MARCOU UMA DÉCADA!

Sophia Lopes

Acredito que todo jovem nascido entre 2005 e 2012 já deve ter ouvido falar sobre as distopias pós-apocalípticas, os anos 2010 foram o estopim para esse novo tipo de filme, que em sua grande maioria são baseados em livros. Como por exemplo Divergente, Jogos vorazes e Maze runner. Mas nesse texto irei falar sobre a febre que foi a trilogia maze runner, que modéstia a parte e minha trilogia de filmes favorita!

A história de maze runner é simples, “após um desastre onde o sol queimou a terra e trouxe a tona um vírus chamado Fulgor, uma instituição identificada como Catástrofe e ruína universal: experimento letal (C.R.U.E.L) resolveu iniciar experimentos mortais em jovens para a buscar de uma cura que só pode ser produzida no sangue desses jovens que são expostos em situações de alto risco, agora thomas e seus amigos precisam lutar por suas vidas (no labirinto e fora dele) e destruir o CRUEL.”

Maze runner é baseado na saga de livros de mesmo nome escrita pelo escritor James Dasher, que publicou a primeira edição do livro em 2009 (Maze Runner: Correr ou Morrer) que logo se tornou viral, fazendo assim as partes 2 e 3 da saga serem lançadas nos anos seguintes (2010 e 2011). Mas os famigerados filmes só foram lançados 5 anos depois do lançamento do primeiro livro.

O primeiro filme da saga lançado em 2014, foi um divisor de águas devido muitos fãs não acharem o filme fiel ao livro, entretanto a grande maioria dos telespectadores dos filmes só foram ler os livros depois do lançamento do filme.



SOBRE A AUTORA

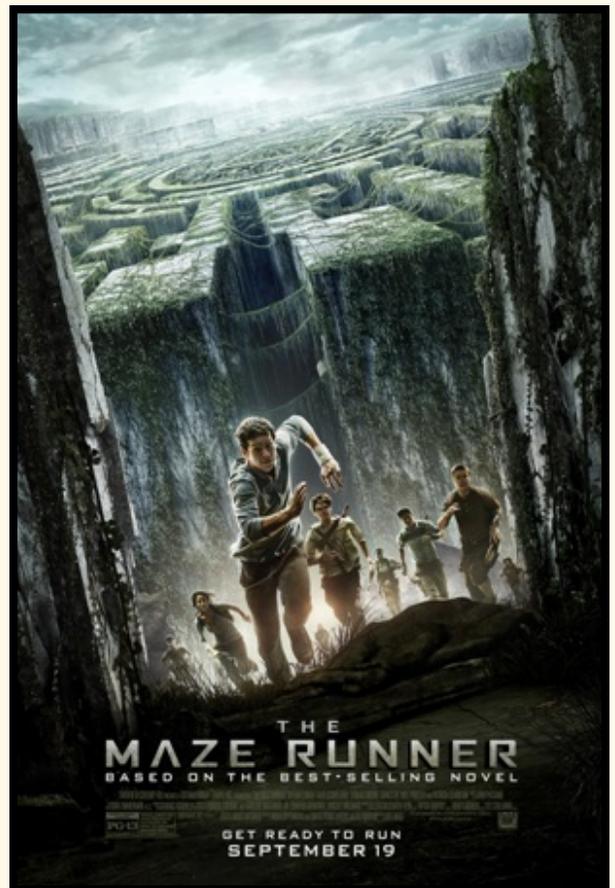
Meu nome é Sophia Lopes e tenho 15 anos, gosto de ler, lutar e escrever. meu maior sonho é ser médica e eu espero que um dia as pessoas valorizem a leitura tanto quanto valorizam os "likes".

MAZE RUNNER: A DISTOPIA QUE MARCOU UMA DÉCADA!

Sophia Lopes

Realmente como uma admiradora dos filmes e dos livros, digo que os dois realmente não se parecem nem um pouco, tanto em roteiro e cenário quanto em personalidade dos personagens que sofreram mudanças drásticas. O que incomodou muitos espectadores. Ao meu ver todas essas mudanças foram necessárias para que o filme conseguisse ser produzido, afinal seria quase impossível fazer tudo exatamente como nos livros, afinal não deve ser fácil fazer um “transportal” de CGI. Então para mim essas mudanças deixaram os filmes mais impactantes e “realísticos”

Um dos pontos negativos dos filmes de maze runner e seu roteiro, que em todos os 3 filmes deixou diversas lacunas na história, que so poderiam ser preenchidas se os espectadores lessem o livro coisa que a maioria das pessoas que assistiram não fizeram, então isso acabou manchando a reputação dos filmes. Houve também uma mudança no plot twist do filme, o que eu confesso que me incomodou um pouco.



FILMES ADMIRÁVEIS

Thifany Nycolly

O filmes que amamos refletem muito nos nossos gostos. Muitos gostam de terror, comédia, romance, ficção científica, drama e etc.

O meu gênero favorito é o terror, amo o suspense que tem em cada vez que vai ter um susto. Me divirto muito assistindo esse tipo de filme, já assisti vários, como por exemplo: It A Coisa, a franquia de Anabelle, a franquia de Atividade Paranormal, Poltergeist, a franquia de Jogos Mortais e muitos outros.

Eu sempre gosto de tomar um susto de vez em quando, sentir um frio na barriga e uma ansiedade para saber o que vai acontecer no final e qual será o plot twist.

O fato de mostrar cenas explícitas das mortes dos personagens me deixa curiosa para saber como que a mente de um psicopata ou um sociopata funciona e pensa, ter capacidade de pensar em formas grotescas de destrocá-los e aniquilar pessoas por prazer próprio ou por vingança. Isso sempre me interessou.

Algumas pessoas tem vergonha de expressar o que sentem quando vêem um filme que amam por medo de serem julgadas ou desprezadas, pessoas que julgam as outras por conta de um ou vários filmes que amam é uma atitude imatura e irresponsável por conter opiniões próprias que devem ser respeitadas e ouvidas.



SOBRE A AUTORA

Thifany Nycolly Botelho Conceição, atual aluna do primeiro ano do ensino médio na escola Presidente Costa e Silva. Nasceu no dia 19 de Fevereiro de 2010, tendo 15 anos. Seus hobbies são: Ler livros físicos e virtuais, escrever pequenas histórias e passar um tempo com seus amigos e família.

FILMES ADMIRÁVEIS

Thifany Nycolly

Um filme que admiro muito é Gente Grande, que conta história de cinco amigos de infância chamados: Lenny, Eric, Kurt, Marcus e Rob. Eles se reencontraram após trinta anos pois o seu antigo treinador de basquete havia falecido, portanto eles tiveram que se reencontrar para irem ao funeral.

Ao decorrer do filme iremos ver a família que cada um deles construiu e as suas conquistas. Neste filme acontecem várias reviravoltas, a maioria delas são extremamente engraçadas e tiram ótimas risadas de qualquer um que vá assistir.

Os cinco amigos decidem aproveitar e relaxar um fim de semana em uma casa de campo junto de suas famílias. Eles iram beber, dançar, jogar, brigar e se reconciliar.

O filme foi dirigido por Dennis Dugan e foi lançado no ano de 2010. Por ser uma comédia podem achar que é para todas as idades, porém tem várias falas que são para pessoas acima de dezoito anos que várias crianças não entendem e não devem escutar.



GENTE GRANDE

Vanderson dos Santos

Gente grande é um filme muito divertido, nesse filme os atores se entregam de verdade ao papel, eu gosto muito desses atores que interpretam o filme, ainda mais o ator Adam Sandler, eu me identifico muito com ele, esse filme é muito bom para quem quer se divertir e para quem não tem tempo de ser criança, ele demonstra que mesmo quando a distância entre você e seus amigos, por conta do tempo que passou, irmãos de outra mãe nunca somem. O filme mostra que quando você vai crescendo você se preocupa mais com o trabalho e menos com a sua diversão ou prestar atenção no que pode fazer bem para os seus filhos, quando você termina de ver o filme já da vontade de assistir de novo, toda vez que eu vejo parece a primeira vez, esse filme me tira várias risadas não importa quantas vezes eu veja, o primeiro filme é maravilhoso, o segundo é maravilhoso, eu via com meu pai repetidas vezes, é meu filme preferido.



SOBRE O AUTOR

Meu nome é Vanderson dos Santos, eu amo jogar bola e principalmente minha namorada Sarah Araújo, a mulher da minha vida e eu amo o Neymar Junior, eu gosto de fazer graça na maioria das vezes, eu estudo no República de Portugal, sou do 9º ano e esse é meu ultimo ano na escola, se verem minha biografia não me avacalhem, nasci em Belém do Pará, dia 18/12/2008.

Revista Amazônia Jovem

GENTE GRANDE

Vanderson dos Santos

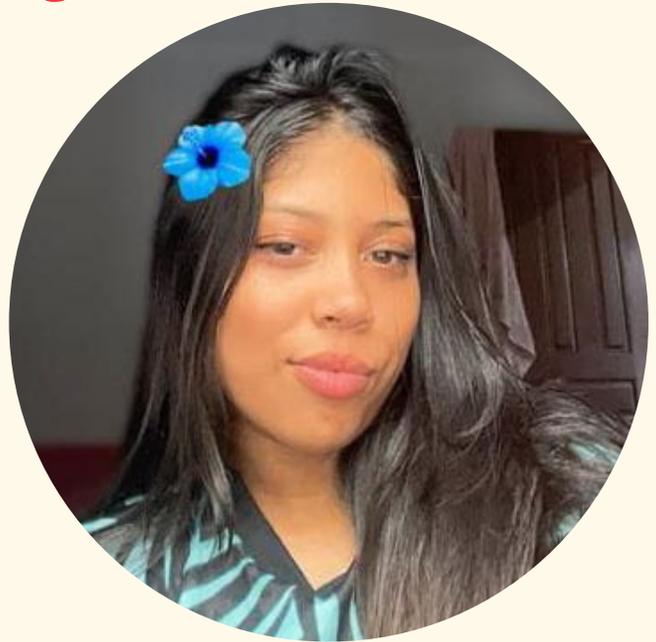


TITANIC

Vitória Rodrigues

A história do Titanic começa em 1996 com uma equipe de caçadores de tesouros, eles estavam procurando um colar de diamante, chamado coração do oceano, enquanto procuravam o colar eles acharam uma caixa, nela tinha um desenho de uma mulher nua, essa mulher era Rose, uma sobrevivente do Titanic, ela vai até um dos pesquisadores e lá ela começa a contar sua história. O Titanic na época era conhecido como a 8ª maravilha do mundo e todos queriam viajar nele, mas só os ricos podiam embarcar nele, uma dessas pessoas era Rose junto com seu noivo Cal, ele era conhecido pela frase “nem Deus pode derrubar o Titanic!”, também conhecemos Ruth como a mãe chata de Rose, o capitão do navio, o homem que projetou o navio Andrew, Molly como a rica mais legal do filme justamente porque ela não nasceu rica mas se tornou rica, esse filme trata todo mundo que já nasceu rico como gente mesquinha, chata, ruim etc. por último e não menos importante Fabricio e Jack dois caras pobres que estão na viagem pois ganharam as passagens em uma aposta.

A nossa Rose não gostava nada do seu relacionamento porque estava sendo obrigada a casar, pois a fortuna de sua mãe estava acabando, então um dia cansada da sua vida rica, decide se jogar do navio, mas Jack aparece na hora e convence ela a descer, porém Cal chega e pergunta o que Jack estava fazendo com a mão em Rose, ela fala que ele a tinha salvado. Agradecida por Jack tê-la salvado Rose convence seu noivo a convidá-lo para o jantar, então a nossa querida Molly dá a ele uma roupa chique, nesse jantar a mãe de Rose começa a fazer pouco caso dele por ele ser pobre, porém não contava que ele mais simpático que todos ali.



SOBRE A AUTORA

Vitória Rodrigues, tenho 14 anos, estudo na escola República de Portugal, moro na Marambaia, no meu tempo livre gosto de ler livros, assistir séries, ouvir músicas e meu sonho é concluir meus estudos e dar uma vida melhor para minha família.

Revista
Amazônia Jovem

TITANIC

Vitória Rodrigues



A PAIXÃO DE CRISTO

Wanessa Souza

“As últimas 12 horas de Jesus”. No meio da noite Jesus é traído por Judas e é preso por soldados romanos no monte das oliveiras, é levado até o governador da Galileia pois Jesus era de lá, mesmo não encontrando nada que incrimine Jesus, Pilatos cede a pressão dos olhares do povo e condena Jesus a morte por crucificação. O filme é coberto de mensagens e muitos dos diálogos feitos apenas por olhares, principalmente por Jesus que não falou nada durante suas chibatadas, mas o olhar do ator trás emoção as cenas, sua mãe sofrem ao lado de Maria Madalena e João o único de seus discípulos presentes na crucificação. O filme é chocante, bruto e triste, mas com um ótimo roteiro e uma atuação perfeita, o filme nos faz repensar os nossos conceitos e atitudes ao ver o tanto que Jesus Cristo sofreu por amor a humanidade, por isso o nome “A paixão de Cristo”.



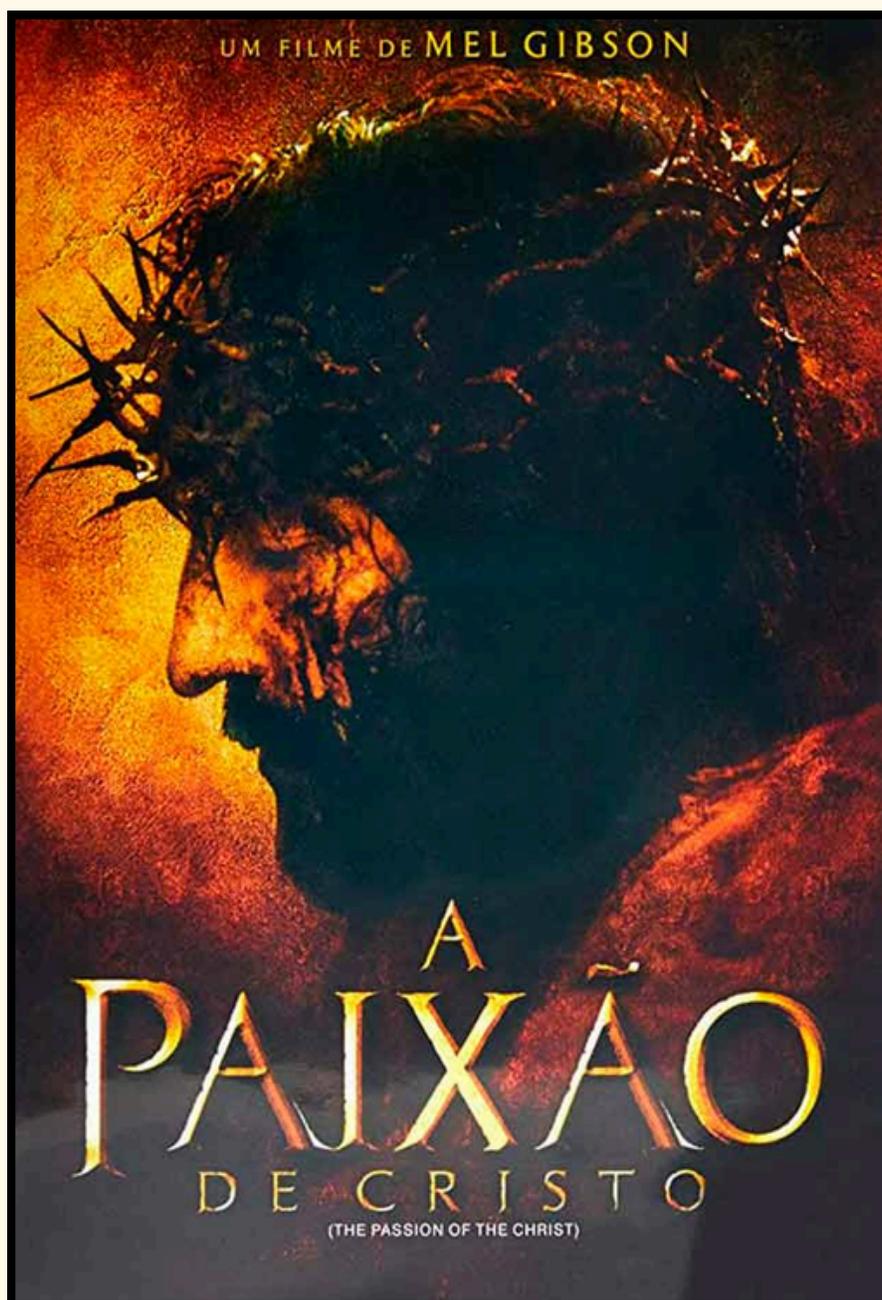
SOBRE A AUTORA

Sou Wanessa Grazielly, nascida em Belém do Pará, meus hobbies são escutar música, desenhar e cantar e nasci dia 20/09/2010

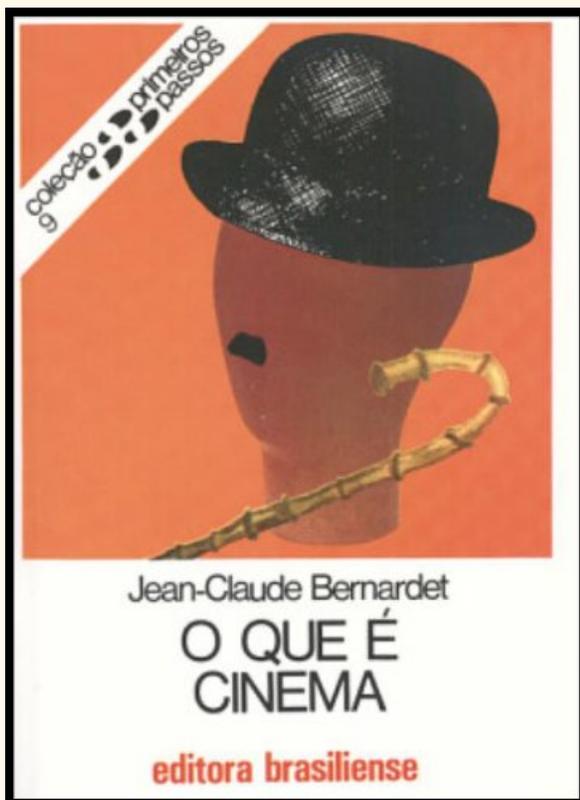
Revista
Amazônia Jovem

A PAIXÃO DE CRISTO

Wanessa Souza



DICAS DE LEITURA



SINOPSE

“Paris, 28 de dezembro de de 1985, acontece a primeira exibição pública do ‘cinematógrafo’. Nem seus próprios criadores, os irmãos Lumière, acreditavam no estrondoso sucesso daquele aparelho, projetado inicialmente para pesquisas científicas de movimentos. Mas rapidamente o **cinema** se transforma no mais fantástico criador de ilusões. Sedução e fascínio durante todo aquele instante entre o ‘Luzes’, câmera, ação...’ e o ‘Fim’. (BERNADETE, 1986).

Jean- Claude Bernardet.

“O que é cinema”. São Paulo:

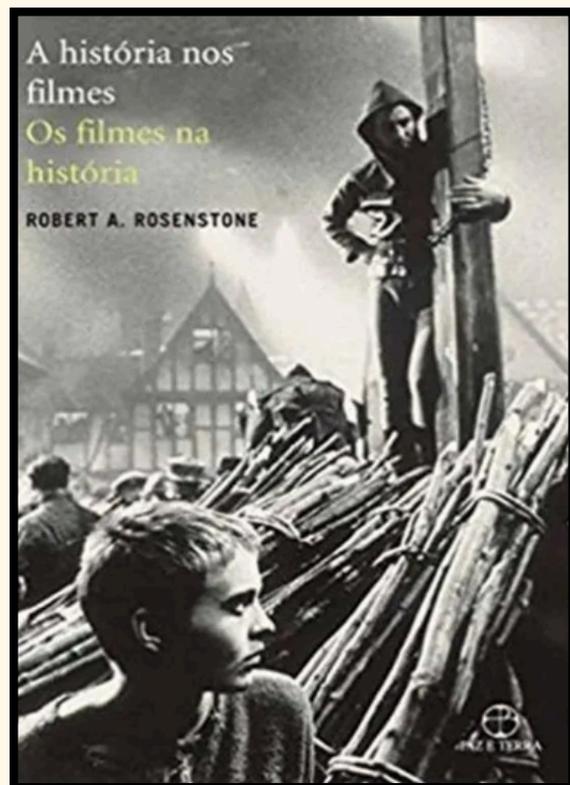
Brasiliense, 1986.

(Coleção Primeiros Passos)

DICAS DE LEITURA

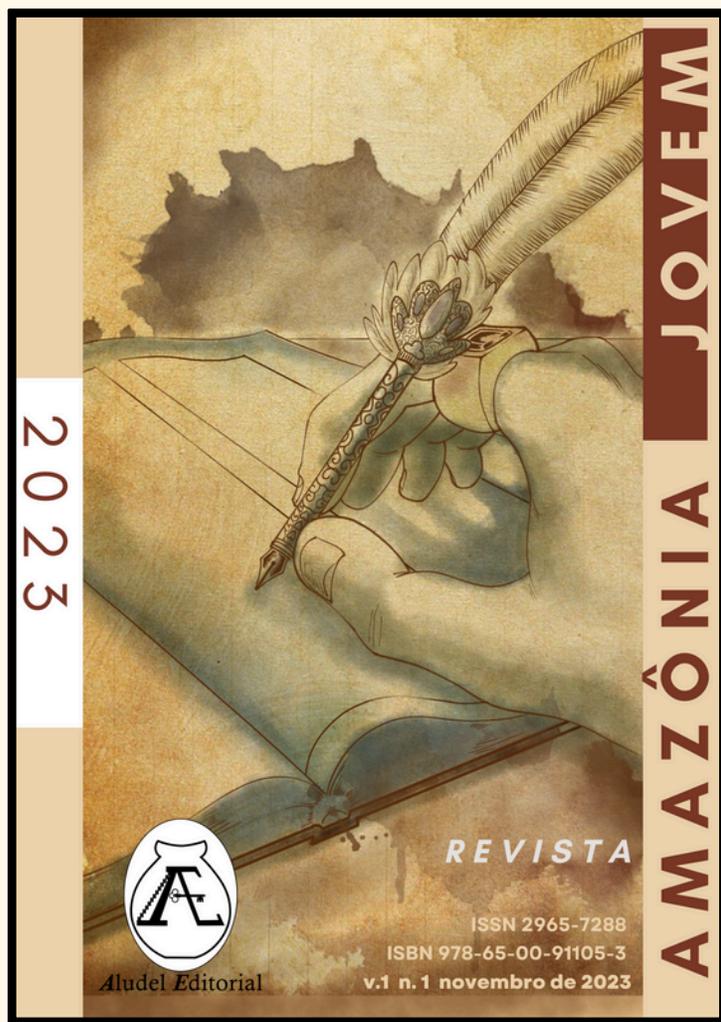
SINOPSE

Via de mão dupla, *A história nos filmes/Os filmes na história* é um irresistível estudo da interpretação do cinema e da história, explorando a encenação dos fatos históricos na tela e a forma como a história se apropria de sua representação cinematográfica. Neste livro, Rosenstone faz uma análise detalhada de filmes históricos específicos, dentre os quais *Tempo de glória*, *Reds*, *Outubro* e *A lista de Schindler*.

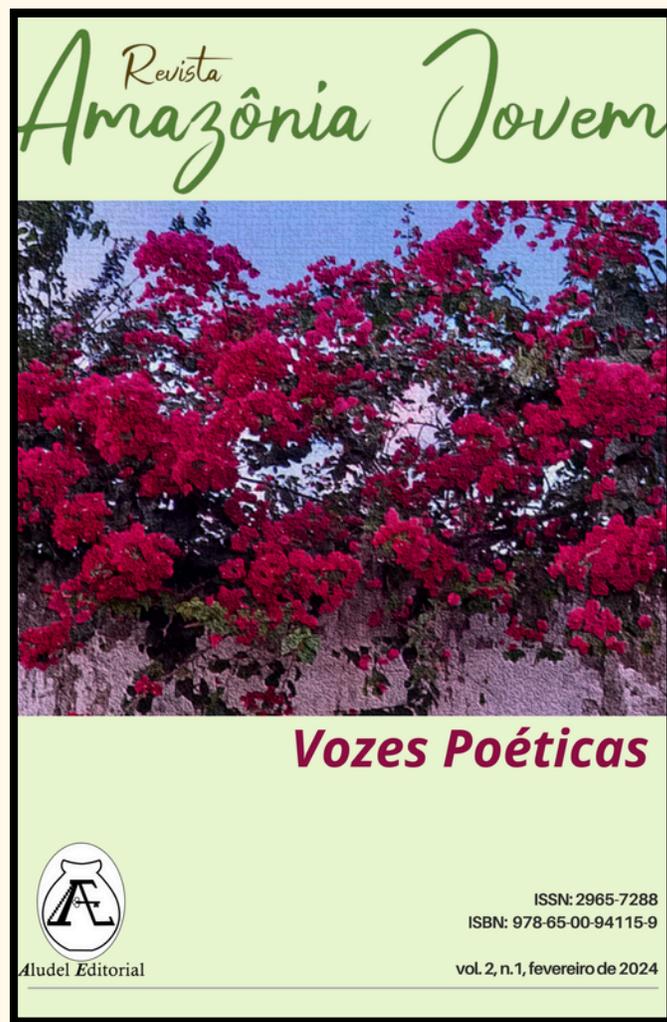


Robert A. Rosenstone.
**“A história nos filmes, os
filmes na história”.**
Rio de Janeiro:
Paz e Terra, 2015.

EDIÇÕES ANTERIORES

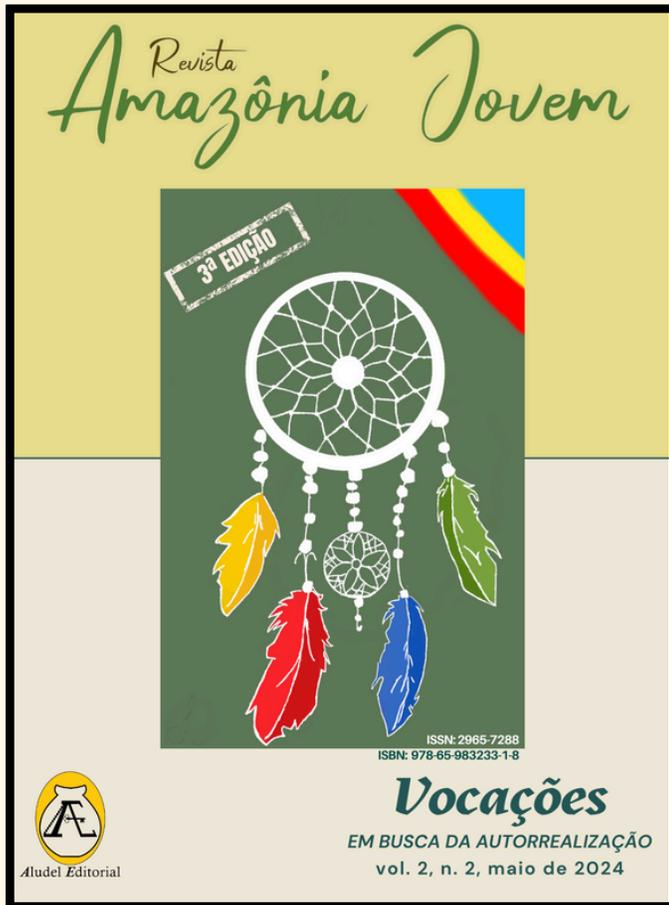


1ª edição

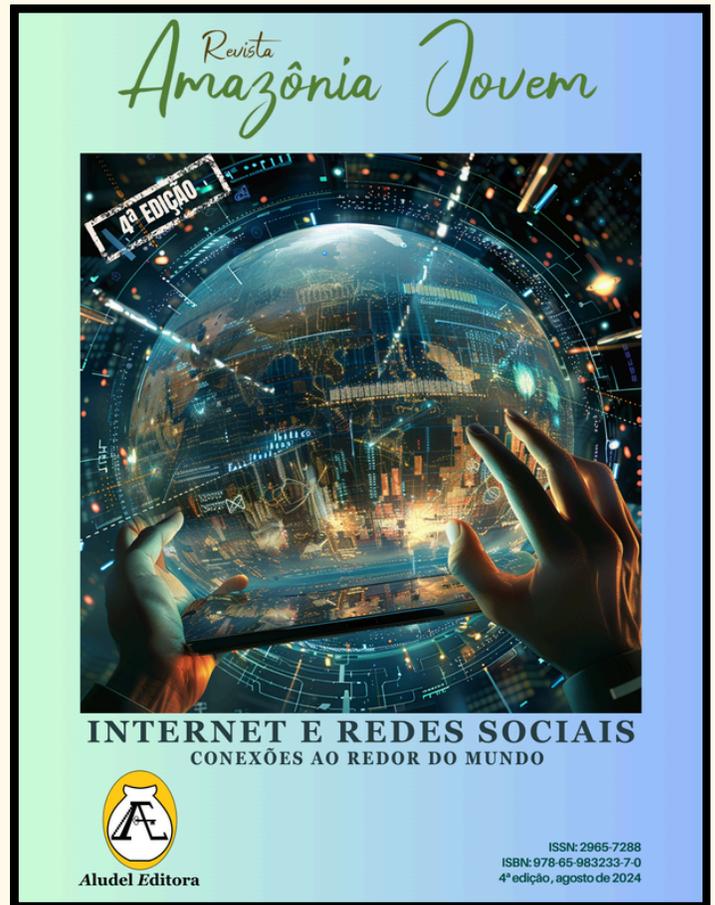


2ª edição

EDIÇÕES ANTERIORES

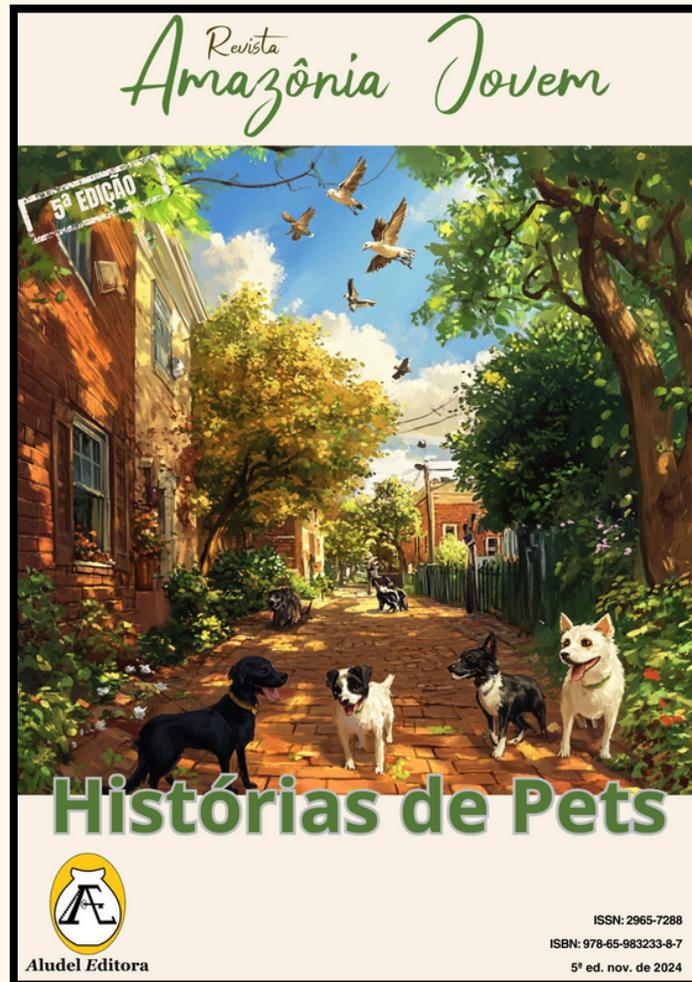


3ª edição



4ª edição

EDIÇÕES ANTERIORES



5ª edição

REVISTA AMAZÔNIA JOVEM

6ª edição

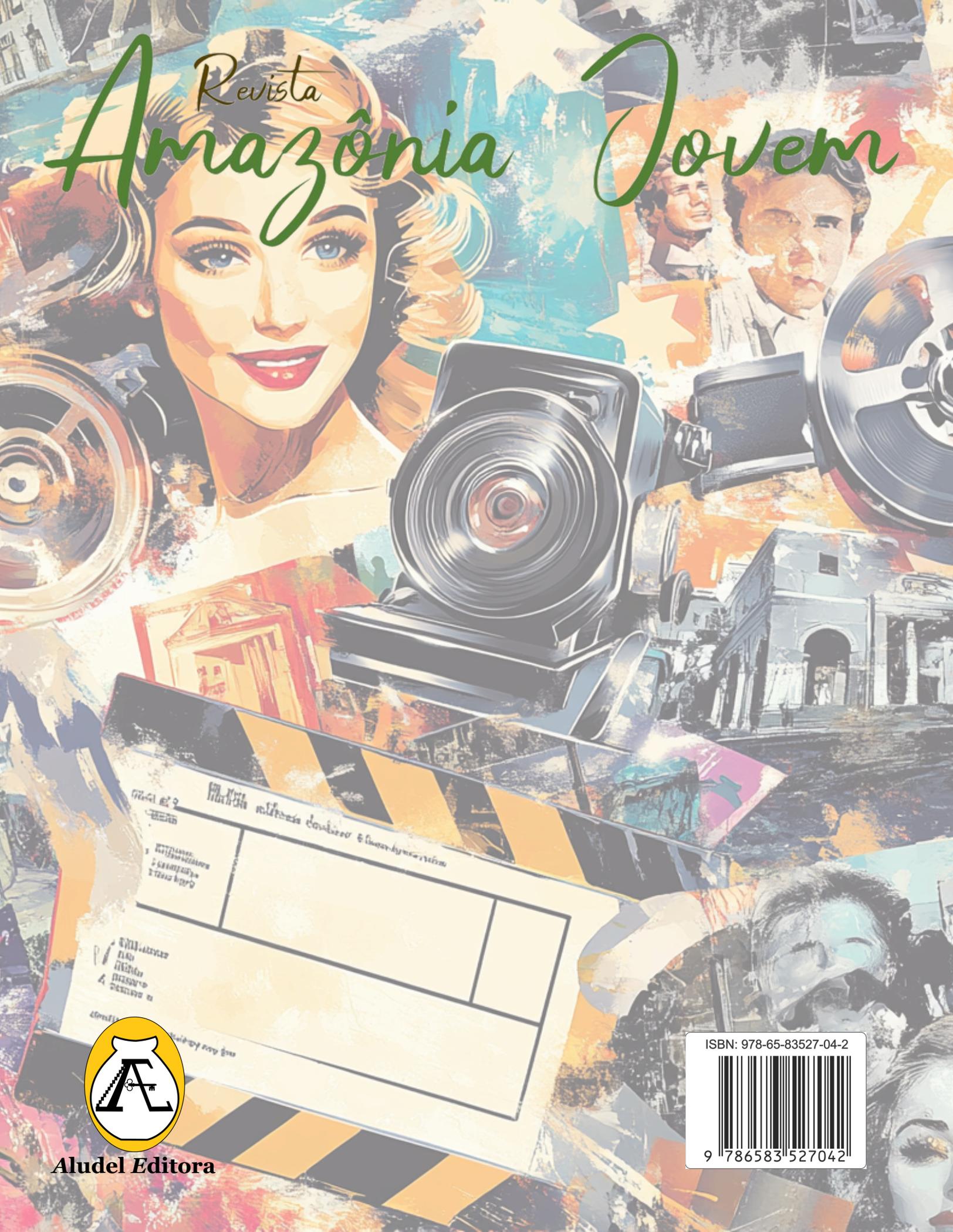


Acesse o site da Revista
Amazônia Jovem pelo
QR Code ao lado



www.aludel.com.br

Revista Amazônia Jovem



Aludel Editora

ISBN: 978-65-83527-04-2



9 786583 527042